

ROBERT
SEETHALER

UMA VIDA INTEIRA

«Adorei este romance. Maravilhosamente escrito.»

Margaret Atwood



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

ROBERT
SEETHALER

UMA VIDA
INTEIRA

«Admiri una romanu. Meravigliosamente esatto»
Margaret Atwood





© Urban Zintel

ROBERT SEETHALER (Viena, 1966) é um conceituado escritor, ator e guionista de cinema, teatro e televisão. Obteve um enorme reconhecimento por parte de críticos e leitores para os seus dois primeiros livros, mas foi *Uma vida inteira* que o catapultou para o sucesso internacional. Nomeado Livro do Ano pelas livrarias alemãs e pelo jornal *Der Spiegel* em 2014, *Uma vida inteira* foi um fenómeno de vendas na Alemanha com mais de um milhão de exemplares vendidos e finalista do Man Booker International em 2016 e do International Dublin Literary Award em 2017. Os direitos de tradução estão vendidos para mais de trinta países.

Uma vida inteira

Robert Seethaler

Publicado em Portugal por

Porto Editora

Divisão Editorial Literária – Lisboa

Email: dellisboa@portoeditora.pt

Título original:

Ein Ganzes Leben

© 2014, Hanser Berlin im Carl Hanser Verlag München

Tradução: Tânia Ganho

Design da capa: Manuel Pessoa

Imagens da capa: © Jupiterimages/GettyImages

1.^a edição em papel: outubro de 2019

Rua da Restauração, 365

4099-023 Porto

Portugal

www.portoeditora.pt

ISBN 978-972-0-67864-5

Numa manhã de fevereiro do ano de 1933, Andreas Egger levantou o moribundo pastor de cabras Johannes Kalischka – que todos os habitantes do vale conheciam como Hannes Cornudo – da sua enxerga encharcada e fétida, e carregou-o até à aldeia, ao longo dos três quilómetros do carreiro de montanha, que jazia sob uma espessa camada de neve.

Uma estranha intuição instara-o a ir à cabana de Hannes Cornudo, onde o encontrou atrás do fogão, que havia muito se apagara, enroscado debaixo de uma pilha de velhas peles de cabra. O pastor fixou-o na escuridão, emaciado e pálido como um espectro, e Egger soube que a Morte já estava agachada atrás dos olhos dele. Pegou-lhe ao colo como se fosse uma criança e pousou-o delicadamente na estrutura de madeira, forrada de musgo seco, que Hannes Cornudo usara a vida toda para carregar lenha e cabras feridas às suas costas, na vertente. Prendeu um cabresto ao corpo, amarrou-o à estrutura e atou os nós com tanta força que a madeira estalou. Quando lhe perguntou se tinha dores, Hannes Cornudo abanou a cabeça e crispou a boca num sorriso, mas Egger percebeu que mentia.

As primeiras semanas do ano tinham sido invulgarmente quentes. A neve derretera nos vales e, na aldeia, havia um gotejar e chapinhar constantes devido ao degelo. Uns dias antes, porém, a temperatura tornara-se novamente glacial e a neve caíra do céu tão espessa e incessante, que parecera engolir gradualmente a paisagem, abafando tudo o que era vida e som. Durante as primeiras centenas de metros, Egger não falou com o homem trémulo às suas costas. Estava demasiado concentrado no carreiro, que serpeava pela montanha abaixo diante de si, em íngremes curvas apertadas, e mal se distinguia na neve fustigante. De vez em quando, sentia Hannes Cornudo a mexer-se.

– Não me morras agora – disse em voz alta, para si próprio, sem contar com uma resposta. Contudo, depois de já estar a caminhar

há quase meia hora, só com o som da sua respiração arquejante nos ouvidos, chegou-lhe a resposta, vinda de trás de si:

– Morrer não seria o pior.

– Mas não às minhas costas! – retorquiu Egger, parando para ajustar as correias de couro nos ombros. Por um instante, ficou à escuta, por entre a neve que caía sem som. O silêncio era absoluto. Era o silêncio das montanhas que ele conhecia tão bem, mas que ainda tinha a capacidade de lhe encher de medo o coração.

– Às minhas costas, não – repetiu, e seguiu caminho. Depois de cada curva no carreiro, a neve parecia cair ainda mais espessa, implacável, suave e completamente desprovida de som. Atrás de si, Hannes Cornudo mexia-se cada vez menos, até que, por fim, deixou de se mover e Egger temeu o pior.

– Morreste? – perguntou.

– Não, seu diabo coxo! – foi a resposta, surpreendentemente clara.

– Só estou a dizer que tens de aguentar até chegarmos à aldeia. Depois, fazes o que te apetecer.

– E se não me apetecer aguentar até chegarmos à aldeia?

– Tens de aguentar! – redarguiu Egger. Sentiu que já tinham falado o suficiente e, durante a meia hora que se seguiu, avançaram em silêncio. A quase trezentos metros da aldeia, ao lado do Geierkante, onde os primeiros pinheiros de montanha se curvavam como anões corcundas sob o peso da neve, Egger afastou-se do carreiro, tropeçou, aterrou de rabo e escorregou cerca de vinte metros pela encosta abaixo, até que um rochedo alto como um homem o deteve. O ar estava calmo ao abrigo da rocha e, ali, a neve parecia cair ainda mais devagar, ainda mais sossegadamente. Egger ficou sentado, ligeiramente encostado à estrutura de madeira. Sentiu uma pontada de dor no joelho esquerdo, mas era suportável e a perna estava inteira. Por um instante, Hannes Cornudo não se mexeu; de repente, desatou a tossir e, depois, a falar numa voz rouca e tão baixinho que mal se fazia compreender.

– Onde queres jazer, Andreas Egger?

– O quê?

– Em que solo queres ser enterrado?

– Não sei – respondeu Egger. Nunca pensara nisso e, na realidade, a seu ver, não valia a pena perder tempo e energia com assuntos desses. – Terra é terra, não faz diferença onde somos enterrados.

– Talvez não faça diferença, no sentido em que nada faz diferença, no fim – sussurrou Hannes Cornudo. – Mas haverá o frio. Um frio que rói os ossos. E a alma.

– A alma também? – perguntou Egger, e um súbito arrepio percorreu-lhe a espinha.

– Principalmente a alma! – respondeu Hannes Cornudo. Esticara o pescoço todo, para espreitar para lá da estrutura de madeira, e tinha os olhos cravados no muro de nevoeiro e neve. – A alma, os ossos, o espírito e tudo aquilo a que te agarraste e em que acreditaste a tua vida toda. O frio eterno consumirá tudo. É o que está escrito, porque foi o que ouvi. As pessoas dizem que a morte traz uma nova vida, mas as pessoas são mais estúpidas do que qualquer cabra estúpida. A morte não traz absolutamente nada! A morte é a Dama Fria.

– A quê...?

– A Dama Fria – repetiu Hannes Cornudo. – Percorre a montanha e atravessa, furtiva, o vale. Vem quando lhe apetece e leva aquilo de que precisa. Não tem rosto nem voz. A Dama Fria vem, leva e desaparece. Mais nada. Pega em ti, ao passar, leva-te com ela e espeta-te num buraco qualquer. No último retalho de céu que vês antes de te cobrirem de terra, ela reaparece e sopra para cima de ti. E tudo o que te resta, nesse momento, é a escuridão. E o frio.

Egger levantou os olhos para o céu nevado e, por um instante, receou que algo lhe aparecesse à frente e soprasse para o seu rosto.

– Meu Deus – murmurou entre dentes. – Que ideia horrível.

– Pois é – concordou Hannes Cornudo, e a sua voz parecia pejada de medo. Nenhum dos dois se voltou a mexer. Ao silêncio sobrepôs-se o canto suave do vento varrendo a cordilheira, levantando penugentos galhardetes de neve. Subitamente, Egger sentiu um movimento e, passado um instante, caiu para trás e ficou esparramado na neve. Hannes Cornudo tinha, sem ele perceber como, conseguido desatar os nós e, veloz como um raio, soltar-se da estrutura de madeira. Ficou ali parado, espigado nas suas roupas andrajosas, balouçando levemente ao vento. Egger estremeceu de novo.

– Volta já para aqui – disse ele. – Senão, ainda apanhas outra coisa qualquer.

Hannes Cornudo ficou quieto, com a cabeça espetada para a frente. Por um instante, parecia ainda estar a ouvir as palavras de Egger, mas a neve tragara-as. Depois, virou-se e começou a correr pela montanha acima, aos saltos. Egger tentou levantar-se, escorregou, caiu de costas outra vez, praguejando, ergueu-se com as duas mãos e conseguiu-se pôr-se novamente de pé.

– Volta aqui! – gritou ao pastor de cabras, que fugia a uma velocidade espantosa. Hannes Cornudo já não o conseguia ouvir. Egger tirou as correias dos ombros, deixou cair a estrutura de madeira e correu atrás dele, mas, ao fim de uns quantos metros, teve de parar, ofegante: a encosta era demasiado íngreme naquele troço e, a cada passo, ele afundava-se na neve até às ancas. A figurinha escanzelada à sua frente foi ficando rapidamente cada vez mais pequena, até acabar por se dissolver totalmente na brancura impenetrável do nevão. Egger pôs as mãos em concha à volta da boca e gritou a plenos pulmões:

– Para, seu estúpido! Nunca ninguém correu mais depressa do que a Morte!

Foi em vão: Hannes Cornudo desaparecera.

Andreas Egger percorreu as poucas centenas de metros que

faltavam até à aldeia, onde avivou o seu ânimo profundamente abalado com um prato de bolos *krapfer* gordurosos e um copo de *Krauterer* caseira, na estalagem Bode d'Ouro. Arranjou um lugar mesmo ao lado do velho fogão de azulejos, pôs as mãos em cima da mesa e sentiu o sangue quente chegar-lhe lentamente aos dedos. A portinhola do fogão estava aberta e as chamas crepitavam no interior. Por um breve instante, teve a sensação de ver o rosto do pastor no fogo, fixando-o, imóvel. Apressou-se a fechar a porta e a beber a aguardente de um trago, com os olhos firmemente cerrados. Quando os reabriu, deparou com uma rapariga diante de si. Estava parada, de mãos nas ancas, fitando-o. Tinha o cabelo curto, louro cor de linho, e a pele rosada e brilhante do calor do fogão. Egger lembrou-se dos bacorinhos recém-nascidos que às vezes tirava do meio da palha, quando era menino, enterrando a cara nos seus ventres macios que cheiravam a terra, a leite e a esterco. Baixou os olhos para as suas mãos. De repente, pareceram-lhe estranhas, ali assentes: pesadas, inúteis e estúpidas.

– Mais uma? – perguntou a rapariga, e Egger fez um gesto de assentimento com a cabeça. Ela trouxe-lhe mais um copo e, quando se debruçou para o pousar na mesa, tocou-lhe no antebraço com uma dobra da blusa. O toque foi quase impercetível, mas deixou uma dorzinha subtil que parecia enterrar-se-lhe mais fundo na pele a cada segundo que passava. Ele fitou-a e ela sorriu.

Durante o resto da sua vida, Andreas Egger recordaria esse momento, vezes sem conta: aquele sorriso breve, naquela tarde, diante do fogão suavemente crepitante da hospedaria.

Mais tarde, quando voltou para o ar livre, já tinha parado de nevar. Estava frio e o ar límpido. Fiapos de nevoeiro arrastavam-se pelas montanhas acima e os picos já cintilavam ao sol. Egger deixou a aldeia para trás e dirigiu-se a custo para casa, por entre a funda camada de neve. Um grupo de crianças brincava junto do regato, a uns metros para lá do velho passadiço de madeira. Tinham atirado

as mochilas para a neve e andavam a divertir-se no riacho. Algumas escorregavam de rabo pelo leito gelado abaixo, enquanto outras gatinhavam de um lado para o outro, escutando o discreto borbulhar abaixo da superfície. Quando avistaram Egger, juntaram-se e começaram a berrar: «Coxo! Coxo!» As suas vozes ressoavam, cristalinas, no ar vítreo, como os gritos das jovens águias-reais que descreviam círculos muito alto por cima do vale, caçando camurças nas ravinas e cabras nos pastos. «Coxo! Coxo!» Egger pousou a estrutura de madeira, arrancou da margem sobranceira do regato um pedaço de gelo do tamanho de um punho, puxou o braço atrás e lançou-o na direção delas. Fez pontaria demasiado alto e o pedaço de gelo passou muito acima das cabeças das crianças. Por um instante, no auge da sua trajetória, pareceu que ia ficar suspenso, um pequeno corpo celestial a cintilar ao sol. Depois, caiu e desapareceu silenciosamente na sombra dos abetos cobertos de neve.

*

Passados três meses, Egger estava sentado num coto de árvore no mesmíssimo lugar, a observar uma nuvem amarelada de pó a escurecer a entrada do vale, de onde, instantes depois, emergiu a equipa de construção da empresa Bittermann & Filhos – composta por duzentos e sessenta operários, doze operadores de maquinaria, quatro engenheiros, sete cozinheiros italianos e um pequeno número de pessoal auxiliar não especificado – e se encaminhou para a aldeia. Ao longe, a multidão parecia uma enorme manada; só semicerrando os olhos se conseguia distinguir, aqui e ali, um braço erguido ou uma picareta num ombro. Esse grupo era apenas a dianteira de um destacamento de pesados veículos puxados por cavalos e camiões carregados de máquinas, ferramentas, vigas de aço, cimento e outros materiais de construção, que avançava ao longo da estrada de terra passo a passo. Pela primeira vez, o

chocalhar abafado de motores a *diesel* reverberou através do vale. Os habitantes da região postaram-se silenciosamente à beira da estrada, até que, subitamente, Joseph Malitzer, o velho moço de estrebaria, arrancou o chapéu de feltro da cabeça e o lançou ao ar com um grito de deleite. Os outros desataram também a gritar, a aplaudir, a berrar. Tinham esperado durante semanas pelo começo da primavera e, com ele, a chegada da equipa das obras. Iam construir um teleférico. Um teleférico movido a eletricidade de corrente contínua, em cujas cabinas de madeira azuis-claras as pessoas flutuariam montanha acima, desfrutando de uma vista panorâmica do vale inteiro. Era uma empreitada monumental. Cabos com vinte e cinco milímetros de espessura, entrelaçados como pares de cobras a acasalar, rasgariam o ar ao longo de uma distância de quase dois mil metros. Havia uma diferença de altitude de mil e trezentos metros para superar; havia desfiladeiros para unir e rochas suspensas para detonar. Com o teleférico, também a eletricidade chegaria ao vale. A corrente elétrica fluiria ao longo de cabos zumbidores, e todas as ruas, casas e celeiros refulgiriam com uma luz quente, até de noite. As pessoas estavam a pensar nisso e em muito mais, quando lançaram chapéus e gritos de deleite para o ar límpido. Egger gostaria de se ter juntado ao coro de vivas, mas, por algum motivo, deixou-se ficar sentado no seu coto de árvore. Sentia-se descoroçoado, sem saber porquê. Talvez tivesse alguma coisa que ver com o estrépito dos motores, o barulho que subitamente invadiu o vale. Ninguém sabia quando é que se iria embora outra vez, ou sequer se iria, algum dia. Por um instante, Egger ficou onde estava, até que, depois, já não se conteve. Deu um salto, correu encosta abaixo, juntou-se aos outros à beira da estrada e gritou e deu vivas tão alto quanto pôde.

Em criança, Andreas Egger nunca tinha gritado nem dado vivas. Aliás, só começara a falar propriamente dito quando entrara para a escola. A custo, arrecadara um punhado de palavras que, em

ocasiões raras, recitava aleatoriamente. Falar significava chamar a atenção, o que nunca era uma boa coisa. Chegara à aldeia muito novinho, numa carruagem puxada por cavalos, no verão de 1902, vindo de uma povoação distante, para lá das montanhas. Quando o tiraram da carruagem, ficou parado, mudo, de olhos arregalados, observando, estupefacto, os cintilantes cumes brancos. Devia ter cerca de quatro anos, na altura, eventualmente um pouco mais ou um pouco menos. Ninguém sabia exactamente e ninguém se interessou, muito menos o agricultor Hubert Kranzstocker, que recebeu o pequeno Egger e deu ao condutor uma mísera gorjeta de dois *groschen* e uma côdea de pão duro. O rapaz era filho único de uma das suas cunhadas; ela levava uma vida irresponsável, pela qual Deus a castigara recentemente com tuberculose e a chamara a Si. Pelo menos, o menino trazia uma bolsa de couro ao pescoço com umas quantas notas lá dentro. Para Kranzstocker, foi motivo suficiente para não o mandar para o Diabo, nem o deixar à porta da igreja para o padre, o que, a seu ver, ia dar ao mesmo. Por isso, ali estava Egger, contemplando as montanhas, maravilhado. Era a única imagem que guardava da sua tenra infância e carregara-a consigo a vida toda. Não tinha memórias da época anterior e, a dada altura, os anos que se seguiram, os seus primeiros anos na quinta de Kranzstocker, também se dissolveram nas brumas do passado.

Na sua recordação seguinte, via-se com cerca de oito anos, escanzelado e nu, dependurado sobre a canga do arado. As pernas e a cabeça balouçavam mesmo acima da terra, que fedia a mijo de cavalo, enquanto o rabiosque branco ficava espetado no ar invernal e recebia os golpes que Kranzstocker lhe infligia com a vara de avelaneira. Como sempre, o agricultor mergulhara a vara em água para a tornar mais flexível. Sibilava breve e intensamente no ar, antes de aterrar com um suspiro no traseiro de Egger. Egger nunca gritava, o que instigava o agricultor a chicoteá-lo com mais força. O homem foi formado e endurecido pela mão de Deus para subjugar a

Terra e tudo o que se mexe sobre ela. O homem leva a cabo a vontade de Deus e fala a palavra de Deus. O homem cria a vida com a força das suas virilhas e tira a vida com a força dos seus braços. O homem é carne e é terra e é agricultor e chama-se Hubert Kranzstocker. Quando lhe apetece, cava o seu terreno, pega numa porca adulta e põe-na aos ombros, gera uma criança ou pendura outra sobre a canga do arado, porque é o homem, a palavra e o feito. «Que o Senhor tenha piedade», dizia Kranzstocker, e desferia o golpe com a vara sibilante. «Que o Senhor tenha piedade.»

Havia motivos de sobra para essas sovas: leite derramado, pão bolorento, uma vaca perdida ou uma prece da noite mal gaguejada. Uma vez, o agricultor cortou a vara demasiado grossa, ou esqueceu-se de a molhar, ou bateu com mais raiva do que era habitual, era difícil perceber qual das três foi; seja como for, bateu e, algures no corpo franzino, ouviu-se um sonoro estalido e o menino deixou de se mexer. «Que o Senhor tenha piedade», disse Kranzstocker, baixando o braço, espantado. O pequeno Egger foi levado para dentro de casa, estendido na palha e reanimado pela mulher do agricultor com um balde de água e um copo de leite morno. Estava qualquer coisa fora do lugar na perna direita, mas, como seria demasiado caro fazer uma consulta num hospital, chamaram o «endireita» Alois Klammerer, da aldeia vizinha. Alois Klammerer era um homem afável, com umas mãos rosa-pálidas invulgarmente pequenas, mas a sua força e desteridade eram lendárias, inclusive entre os lenhadores e os ferreiros. Uma vez, anos antes, fora convocado à quinta da família Hirz, onde o filho do agricultor, um rapaz monstruoso com a força de um touro, se estampara pelo telhado do celeiro adentro, bêbedo que nem um cacho. Rebolara-se de dor durante horas, no meio de caca de galinha, soltando ruídos inarticulados e brandindo um forcado com êxito para se defender de todas as intervenções para o ajudar. Desviando-se agilmente das investidas do forcado, Alois Klammerer aproximou-se dele com um sorriso descontraído, espetou dois dedos sem falhar nas narinas do

rapaz e, com um simples movimento, obrigou-o a ajoelhar-se, endireitando-lhe primeiro a cabeça casmurra e, logo a seguir, os ossos deslocados.

O endireita Alois Klammerer também pôs a coxa partida do pequeno Egger no sítio. Depois, fez uma tala com duas ripas finas de madeira, untou a perna com um unguento de ervas e enfaixou-a com uma ligadura grossa. Egger teve de passar seis semanas numa enxerga de palha no sótão, fazendo as suas necessidades deitado, numa velha tigela creme. Passados muitos anos, quando já se tornara um homem e tinha força suficiente para carregar um pastor de cabras moribundo às costas pela montanha abaixo, Andreas Egger lembrava-se dessas noites no sótão e do fedor a ervas, a caganitas de ratazana e aos seus próprios excrementos. Sentia o calor no quarto em baixo erguer-se através das tábuas do soalho. Ouvia os filhos do agricultor a gemer suavemente, enquanto dormiam, as ressonadelas estrepitosas de Kranzstocker e os sons inescrutáveis da mulher dele. Os ruídos dos animais chegavam até si, vindos do estábulo, o seu restolhar, a sua respiração, o seu ruminar e bufar. Às vezes, em noites luminosas, quando não conseguia adormecer e a Lua aparecia na claraboiazinha, tentava sentar-se o mais direito que conseguia, para se aproximar dela. O luar era amigável e suave e, quando Egger observava os dedos dos pés a essa luz, pareciam pedacinhos arredondados de queijo.

Quando o endireita voltou finalmente, ao fim das seis semanas, para tirar a ligadura, a perna estava magra como um osso de galinha. Além disso, partia torta da anca, parecendo, em geral, ter ficado pouco direita e desviada para um lado. «Vai acabar por se resolver por si só, como tudo na vida», disse Klammerer, mergulhando as mãos numa tigela de leite acabadinho de mungir. O pequeno Egger mordeu a língua para não gritar de dor, saiu da cama, arrastou-se para fora de casa e avançou um pouco mais, até ao grande terreno das galinhas, onde as prímulas e os leopardos-de-bane já estavam em flor. Despiu a camisa de noite e deixou-se cair

para trás, na relva, com os braços esticados. O sol brilhava-lhe no rosto e, pela primeira vez desde sempre, lembrou-se da mãe, que durante anos não conseguira evocar mentalmente. Como é que ela teria sido? O que teria sentido, prostrada, no fim da vida? Toda ela pequenina, magra e branca? Com um só retalho trémulo de sol na testa?

Egger recuperou as forças. A perna, porém, permaneceu torta e, a partir de então, ele ficou coxo. Era como se a perna direita precisasse sempre de mais um instante do que o resto do corpo; como se, antes de dar cada passo, primeiro tivesse de ponderar se valeria realmente a pena o esforço.

As recordações de infância de Andreas Egger, dos anos que se seguiram, eram esfiapadas e fragmentárias. Uma vez, viu uma montanha começar a mover-se. A vertente à sombra pareceu sacudida por um estremeção e, com um gemido profundo, toda a encosta começou a deslizar. A massa de terra levou à sua frente a capela da floresta e um par de palheiros, e soterrou as paredes delapidadas da quinta abandonada dos Kernsteiner, que havia anos estava vazia. Um bezerro, separado da manada por ter uma chaga na pata traseira, foi pelos ares, juntamente com a cerejeira à qual estava amarrado; observou o vale de olhos arregalados, até que o cascalho se elevou numa onda e o engoliu. Egger lembrava-se das pessoas paradas em frente de suas casas, boquiabertas, a verem o desastre desenrolar-se do lado de lá do vale. As crianças deram as mãos, os homens ficaram mudos, as mulheres choraram e a tudo se sobrepôs o murmúrio dos velhos aldeões a recitarem o pai-nosso. Uns dias depois, o bezerro foi encontrado a umas centenas de metros no sopé da montanha, ainda amarrado à cerejeira, deitado numa curva do regato com a barriga inchada, as patas hirtas apontadas para o céu e a água a correr em redor.

Egger partilhava a cama grande do quarto com os filhos do agricultor, mas isso não queria dizer que fosse um deles. Durante o tempo todo que passou na quinta, foi considerado uma pessoa de

fora, a raiar o intolerável, o bastardo de uma cunhada que fora castigada por Deus, e que só tivera direito à clemência do agricultor graças ao conteúdo de uma bolsa de couro pendurada ao pescoço. Para todos os efeitos, não era visto como uma criança. Tratava-se de uma criatura cuja função era trabalhar, rezar e pôr o rabo ao léu para levar com a vara de avelaneira. Só Nana, a mãe idosa da mulher do agricultor, o brindava com um olhar carinhoso ou uma palavra simpática, de vez em quando. Por vezes, punha a mão na cabeça dele e murmurava um discreto «que Deus te abençoe». Quando Egger soube da morte súbita da senhora, durante a ceifa do feno – ela perdera os sentidos enquanto fazia pão, caíra para a frente e sufocara com o rosto enfiado na massa –, largou a foice, trepou sem dizer nada a encosta toda até para lá do Adlerkante e procurou um lugar escondido para chorar.

O corpo de Nana esteve em câmara-ardente durante três dias, na pequena assoalhada entre a quinta e o estábulo. Estava escuro como breu lá dentro: as janelas tinham sido tapadas e as paredes cobertas com panos pretos. As mãos de Nana encontravam-se cruzadas sobre um terço de madeira e o rosto iluminado por duas velas trémulas. O cheiro a decomposição espalhou-se rapidamente pela casa toda; lá fora, o verão estava no auge e o calor infiltrava-se por todas as brechas. Quando o carro funerário chegou, puxado por dois enormes Haflingers, a família do agricultor reuniu-se à volta do corpo uma última vez, para se despedir. Kranzstocker salpicou-o com água benta, pigarreou e proferiu umas quantas palavras.

– A Nana partiu – disse ele. – Não podemos saber para onde foi, mas será como tinha de ser. Os velhos morrem, deixando o caminho livre para os jovens. É assim que as coisas são e sempre serão, ámen!

O corpo foi içado para a carroça, e a procissão fúnebre, na qual, como era hábito, toda a aldeia participou, começou a sua lenta marcha. Estavam a passar em frente do ferreiro quando a porta da oficina, coberta de fuligem, se abriu de rompante e o cão do ferreiro

saiu disparado. Tinha o pelo negro-azeviche e, entre as patas, o seu sexo inchado e escarlate brilhava como um farol. Ladrando roucamente, precipitou-se para os cavalos que puxavam o carro. O cocheiro estalou o chicote no dorso do cão, mas este pareceu não sentir dor. Saltou para um dos cavalos e ferrou-lhe os dentes na pata traseira. O Haflinger empinou-se e deu um coice. O seu casco enorme bateu na cabeça do cão; ouviu-se um estalar de ossos, o cão ganiu e caiu como uma saca vazia no chão. À frente da carroça, o cavalo ferido cambaleou para o lado, ameaçando arrastar a carroça para a vala coberta de água do degelo. O cocheiro, que saltara do seu lugar e agarrara nas rédeas dos animais, conseguiu manter o carro e os cavalos na estrada, mas o caixão escorregou e ficou preso de lado. Como a tampa só tinha sido provisoriamente fechada para o transporte e seria pregada junto da sepultura, abriu-se e o antebraço da morta apareceu na brecha. Na escuridão do velório, a mão parecera branca como neve, mas ali, em plena luz do meio-dia, estava amarela como as florzinhas alpinas que floresciam nas margens sombrias do regato e murchavam assim que ficavam expostas ao sol. O cavalo empinou-se uma última vez antes de se imobilizar, com os flancos a tremer. Egger viu a mão morta de Nana dependurada do caixão e, por um instante, parecia que ela estava a tentar dizer-lhe adeus: um último «que Deus te abençoe», destinado exclusivamente a si. A tampa foi fechada, o caixão empurrado para o devido lugar e a procissão fúnebre pôde seguir caminho. O cão ficou para trás, na estrada, deitado de lado, a tremer convulsivamente, a dar às patas e a morder o ar às cegas. O abrir e fechar das mandíbulas ouviu-se durante bastante tempo, até que o ferreiro lhe esborrachou a cabeça com uma bigorna.

Em 1910, construíram uma escola na aldeia e, todas as manhãs, depois de tratar do gado, o pequeno Egger sentava-se com as outras crianças numa sala de aulas que fedia a alcatrão, para aprender a ler, a escrever e aritmética. Aprendia devagar e como que contra

uma resistência interna e oculta, mas, com o tempo, uma espécie de sentido começou a cristalizar-se a partir do caos de traços e pintas no quadro, até que, finalmente, ele conseguia ler livros sem imagens, o que despertou em si ideias e também umas quantas ansiedades acerca dos mundos que se estendiam para lá do vale.

Depois da morte dos dois filhos mais novos de Kranzstocker, que foram levados, numa longa noite de inverno, pela difteria, o trabalho na quinta tornou-se ainda mais árduo, uma vez que havia menos braços para partilhar o fardo. Por outro lado, Egger dispunha agora de mais espaço na cama e já não se via obrigado a disputar cada migalha com os restantes meios-irmãos. Ele e os outros meninos já quase não andavam ao soco, simplesmente porque Egger se tornara demasiado forte. Era como se a Natureza andasse a tentar compensá-lo desde o que lhe acontecera à perna partida. Aos treze anos, já tinha os músculos de um rapaz e, aos catorze, pegou pela primeira vez numa saca de sessenta quilos e fê-la passar pela portinhola do silo. Era forte, mas lento. Pensava lentamente, falava lentamente e caminhava lentamente; contudo, cada pensamento, cada palavra e cada passo deixavam uma marca exatamente no lugar onde, na sua opinião, tais marcas deveriam ficar.

Um dia, depois do décimo oitavo aniversário de Egger (como ninguém conseguiu obter informações precisas sobre a sua data de nascimento, o presidente da câmara municipal atribuíra-lhe simplesmente uma data ao acaso, especificamente o dia 15 de agosto de 1898, e emitiu uma certidão), uma tigela de barro de sopa de leite escorregou-lhe sem querer das mãos durante o jantar e partiu-se com um golpe seco. A sopa, com o pão que tinha acabado de ser esmigalhado para dentro dela, espalhou-se pelo soalho de madeira, e Kranzstocker, que já tinha cruzado as mãos para dar graças, levantou-se devagar.

– Vai buscar a vara de avelaneira e mergulha-a em água – disse.
– Vou ter contigo daqui a meia hora.

Egger foi buscar a vara que estava pendurada num gancho, pô-la

lá fora, na gamela do gado, sentou-se na canga do arado e balouçou as pernas. Meia hora depois, apareceu o agricultor.

– Traz a vara! – disse.

Egger saltou da canga e tirou a vara da gamela. Kranzstocker fê-la rasgar o ar com um silvo. A vara fletiu suavemente na mão dele, deixando na sua esteira uma cortina de pingas de água delicadamente cintilantes.

– Baixa as calças! – ordenou o agricultor.

Egger cruzou os braços no peito e abanou a cabeça.

– Ora, ora, vejam só! O bastardo quer contrariar o agricultor – disse Kranzstocker.

– Quero que me deixem em paz, mais nada – ripostou Egger.

O agricultor espetou o queixo para fora. Tinha leite seco colado aos pelos curtos da barba. Uma veia comprida e curva latejava-lhe no pescoço. Deu um passo em frente e ergueu o braço.

– Se me bater, mato-o! – disse Egger, e o agricultor imobilizou-se.

Muitos anos depois, quando Egger recordava aquele momento, tinha a impressão de que haviam ficado assim o serão inteiro, confrontando-se um ao outro, ele de braços cruzados no peito, o agricultor com a vara de avelaneira no punho erguido, ambos calados, com um ódio frio nos olhos. Na realidade, a cena durou, no máximo, uns segundos. Uma gota de água escorreu lentamente pela vara abaixo, soltou-se tremulamente e caiu na terra. Do estábulo, chegava-lhes o som abafado das vacas a ruminar. Um dos garotos riu-se dentro de casa e, depois, a quinta ficou novamente em silêncio.

Kranzstocker deixou cair o braço.

– Some-te daqui – disse, numa voz monocórdica, e Egger assim fez.

Andreas Egger era considerado aleijado, mas forte. Bom trabalhador, contentava-se com pouco, raramente falava e tolerava o calor do sol nos campos da mesma maneira que suportava o frio penetrante da floresta. Aceitava qualquer tipo de trabalho e efetuava-o de modo fiável e sem se queixar. Servia-se tão bem da foice como do forcado. Revirava a erva acabada de cortar, enchia as carroças de estrume e acartava pedregulhos e molhos de palha nos campos. Rastejava pela terra como um besouro e trepava por entre as rochas para recuperar gado tresmalhado. Sabia em que sentido cortar diferentes tipos de madeira, como montar a cunha de uma plaina, amolar a serra e afiar o machado. Raramente ia à estalagem e nunca se permitia tomar mais do que uma refeição e um copo de cerveja ou uma *Krauterer*. Quase nunca passava uma noite numa cama; geralmente, dormia em cima de feno, em sótãos, em quatinhos e em estábulos, juntamente com o gado. Às vezes, em noites amenas de verão, estendia um cobertor algures num prado acabado de aparar, deitava-se de costas e contemplava o céu estrelado. Depois, pensava no seu futuro, que se estendia infinitamente diante de si, precisamente porque não esperava nada dele. E, às vezes, se ficasse deitado o tempo suficiente, tinha a impressão de que, debaixo das suas costas, a terra subia e descia suavemente e, nesses momentos, tinha a certeza de que as montanhas respiravam.

Aos vinte e nove anos, já Egger poupava o suficiente para comprar um terrenozinho com um celeiro. O retalho de terra ficava mesmo abaixo da linha do arvoredor, a cerca de quinhentos metros acima da aldeia, e só lá se chegava através do carreiro íngreme e estreito que conduzia ao Almerspitze. Não valia quase nada, era em declive e estéril, pejado de pedras e pouco maior do que o campo de galinhas nas traseiras da quinta de Kranzstocker. Contudo, uma pequena nascente de água cristalina e glacial jorrava das rochas ali perto e, de manhã, o Sol postava-se no cimo da montanha meia hora mais cedo do que na aldeia, aquecendo a terra sob os pés de

Egger, húmidos da noite. Derrubou umas quantas árvores na floresta envolvente, trabalhou-as no local e carregou as vigas até ao seu celeiro, para escorar as paredes tortas. Para as fundações, escavou um buraco e encheu-o com pedras do seu terreno, que, em vez de diminuírem de quantidade, pareciam brotar todas as noites do solo seco e poeirento. Recolheu as pedras e, como a tarefa o entediou, deu-lhes nomes. E, quando se lhe esgotaram os nomes, atribuiu-lhes palavras. E quando, a dada altura, se lhe tornou claro que havia mais pedras no seu terreno do que palavras no seu vocabulário, recomeçou do zero. Não precisava de arado, nem de gado. O terreno era demasiado exíguo para uma quinta, mas suficientemente grande para uma pequenina horta. No fim, Egger ergueu uma vedação baixa à volta da sua nova casa e instalou um portãozinho, com o firme propósito de o poder abrir, um dia, a alguém que decidisse fazer-lhe uma visita.

No geral, foram bons tempos. Egger estava satisfeito e, por ele, a vida podia ter continuado assim para sempre. Mas foi então que houve o incidente com Hannes Cornudo. De acordo com o seu conceito de responsabilidade e justiça, o desaparecimento do pastor de cabras não era culpa sua; não obstante, Egger não contou a ninguém o que acontecera em pleno nevão. As pessoas julgavam que Hannes Cornudo tinha morrido e, embora o seu corpo nunca tivesse sido encontrado, nem sequer Egger duvidou da sua morte. Não conseguia, porém, esquecer a imagem daquela figura espigada a dissolver-se lentamente em nevoeiro diante dos seus olhos.

Havia mais uma coisa que, desde esse dia, Egger carregava inextinguivelmente dentro de si: uma dor que, depois do breve toque de uma prega de tecido, se lhe afundara na carne do antebraço, do ombro, do peito, instalando-se, por fim, algures na região do coração. Era uma dor muito subtil, no entanto mais profunda do que qualquer outra dor que Egger conhecera na vida até então, incluindo as pancadas de Kranzstocker com a vara de avelaneira.

Ela chamava-se Marie e Egger achou-o o nome mais bonito do mundo. A rapariga aparecera no vale havia uns meses, à procura de trabalho, com os sapatos gastos e o cabelo coberto de poeira. Chegara em boa hora, porque o estalajadeiro tinha mandado a criada para o Diabo uns dias antes, por ter engravidado inesperadamente. «Mostra-me as tuas mãos!», dissera ele a Marie. Inspeccionara-lhe os calos dos dedos com um aceno de cabeça satisfeito e oferecera-lhe o cargo. Daí em diante, ela servia os hóspedes e fazia as camas do punhado de quartos mobilados para acolher trabalhadores sazonais. Tratava das galinhas, ajudava no jardim e na cozinha, matava animais e despejava a latrina dos hóspedes. Nunca se queixava e não era vaidosa nem melindrosa. «Mantém essas tuas mãos longe dela!», avisou o estalajadeiro, espetando no peito de Egger um indicador que reluzia de banha acabada de derreter. «A Marie está aqui para o trabalho e não para o amor, entendido?»

«Entendido», disse Egger, e sentiu novamente a dor subtil na proximidade do seu coração. Não se mente a Deus, pensou, mas mente-se a um estalajadeiro.

Esperou por ela depois da igreja, no domingo. Ela levava um vestido e um chapeuzinho brancos. Embora o chapeuzinho fosse bonito, Egger considerou-o talvez um nadinha demasiado pequeno. Lembrou-se dos rizomas que brotavam, escuros, aqui e ali no solo da floresta e nos quais, de tempos a tempos, despontava um único lírio branco, como um milagre. Mas talvez o chapeuzinho fosse do tamanho certo; Egger não sabia. Não entendia nada dessas coisas. A sua experiência com mulheres reduzia-se às missas, durante as quais se sentava na última fila da capela a escutar as suas vozes agudas e límpidas, quase anestesiado pelo cheiro dominical que emanava dos cabelos lavados com sabão e esfregados com alfazema.

– Eu gostava... – disse toscamente, e deteve-se a meio da frase, tendo-se subitamente esquecido do que queria dizer. Ficaram parados um instante em silêncio, na sombra da capela. Ela parecia

cansada. Era como se o seu rosto ainda estivesse velado pelo crepúsculo do interior da igreja. Uma mancha amarela de pólen estava-lhe colada à sobancelha esquerda, adejando na brisa. De repente, ela sorriu-lhe.

– Está a ficar fresquinho – disse. – Podíamos ir dar um passeio ao sol.

Caminharam lado a lado, ao longo do carreiro da floresta que serpeava desde a traseira da igreja até ao Harzerkogel. Um regatozinho escorria devagar na erva e as copas das árvores restolhavam por cima deles. De todos os lados, chegava-lhes da vegetação o chilrear de tordos, mas, sempre que se aproximavam, os pássaros calavam-se. Detiveram-se numa clareira. Muito alto por cima das suas cabeças, um falcão pairava, imóvel. De repente, bateu as asas e virou de lado; pareceu simplesmente cair do céu e desaparecer. Marie colheu umas flores e Egger atirou uma pedra do tamanho de uma cabeça para a vegetação rasteira, por impulso, só por ter propensão e força para o fazer. Quando atravessavam o passadiço podre, no caminho de volta, ela agarrou-se ao antebraço dele. A sua mão era áspera e quente como um pedaço de madeira ao sol. Egger teve vontade de a encostar à bochecha e deter-se e ficar ali parado. Ao invés, deu um grande passo e caminhou muito depressa.

– Tenha muito cuidado – disse, sem se virar para ela. – Pode facilmente torcer um pé neste tipo de terreno.

Encontraram-se todos os domingos e, às vezes, mais tarde, também durante a semana. Quando era menina, ao trepar a uma cerca de madeira periclitante, ela caíra dentro da pocilga e fora mordida por uma mãe porca assustada. Desde então, tinha uma cicatriz vermelho-vivo na nuca, com cerca de vinte centímetros de comprimento, em forma de meia-lua. Não incomodava Egger. As cicatrizes são como os anos, disse ele: sucedem-se umas às outras e todas juntas fazem de uma pessoa o que ela é. Marie, por sua vez, não se importava com a perna defeituosa dele. Pelo menos, não fez

nenhum reparo. Nunca mencionou o facto de ele coxear, não disse uma única palavra. Mas, verdade seja dita, falavam pouco. Passeavam lado a lado, observando as suas sombras no chão diante de si, ou sentavam-se algures numa rocha e contemplavam o vale.

Numa tarde, no final de agosto, ele levou-a ao seu terreno. Baixou-se, abriu o portãozinho de madeira e afastou-se para o lado, para ela entrar. Explicou que ainda tinha de pintar a cabana; o vento e a humidade atravessavam a madeira num abrir e fechar de olhos e lá se ia o conforto. Ao fundo, plantara uns quantos legumes, aipo por exemplo, já estava quase da altura da cabeça dela. O sol brilhava com mais intensidade ali em cima do que no fundo do vale. O que não era só bom para as plantas; também aquecia os ossos e o espírito. Já para nem falar da vista, claro, disse Egger, com um gesto abrangente; via-se a região toda, até mais além, quando estava bom tempo. Também queria pintar o interior, explicou-lhe, com tinta de alvenaria. Claro que tinha de ser diluída com leite fresco em vez de água, para durar mais. E a cozinha ainda precisava de ser devidamente equipada, mas, pelo menos, o essencial já lá estava, panelas, pratos, talheres e coisas afins, e, quando tivesse oportunidade, arearia as frigideiras. Não ia precisar de um curral, porque não tinha nem espaço, nem tempo para gado; no fim de contas, não queria ser quinteiro. Ser quinteiro significava passar a vida inteira a labutar no seu pedaço de terra, de olhos baixos, a arranhar o solo. O tipo de homem que ele era precisava de levantar os olhos e abarcar o máximo de distância possível para lá do seu torrão pequeno e limitado.

Anos depois, Egger pensaria que não se lembrava de alguma vez ter falado tanto na vida como no dia em que Marie visitara a sua cabana pela primeira vez. As palavras jorravam-lhe simplesmente da boca e ele ouvia-as com espanto, à medida que elas se alinhavam umas atrás das outras, aparentemente por iniciativa própria, para criarem um sentido que, só depois de as ter proferido, se lhe tornava claro, com surpreendente limpidez.

Enquanto desciam o carreiro estreito e sinuoso até ao vale, Egger remeteu-se novamente ao silêncio. Sentia-se estranho e um nadinha embaraçado, sem saber porquê. Pararam um instante numa curva do caminho, sentaram-se na erva e encostaram-se ao tronco de uma faia caída. A madeira armazenara o calor dos últimos dias de verão e cheirava a musgo seco e resina. A toda a sua volta, erguiam-se os cumes das montanhas para o céu límpido. Marie achava que pareciam feitos de porcelana e, embora Egger nunca tivesse visto porcelana na vida, concordou com ela. Era preciso ter cuidado ao caminhar lá em cima, disse ele; um passo em falso e toda a paisagem podia estalar, ou estilhaçar-se em milhares de lasquinhas de paisagem. Marie riu-se.

– Que ideia engraçada – disse ela.

– Sim – respondeu Egger. Depois, baixou a cabeça, sem saber o que fazer a seguir. Tinha vontade de se levantar, pegar numa rocha e lançá-la ao acaso, tão alto e tão longe quanto pudesse. De repente, sentiu o ombro dela contra o seu. Levantou a cabeça e disse: – Não aguento mais! – Virou-se para ela, pegou-lhe no rosto com as duas mãos e beijou-a.

– Meu Deus – disse ela. – És tão forte!

– Desculpa – redarguiu ele, assustado, e tirou as mãos.

– Mas foi bom – acrescentou ela.

– Apesar de te ter magoado?

– Sim – disse Marie. – Muito bom.

Ele pegou-lhe no rosto novamente com as duas mãos, desta vez com a delicadeza com que seguraria num ovo de galinha ou num pintainho acabado de nascer.

– Assim, sim – disse ela, e fechou os olhos.

Ele gostaria de a ter pedido em casamento naquele mesmo dia, ou, o mais tardar, no dia seguinte, mas não sabia como é que essas coisas se faziam. Durante noites a fio, ficou sentado em frente de casa, na soleira que construía, a olhar para a erva aos seus pés, ao

luar, enquanto os pensamentos giravam em redor das suas insuficiências. Não era agricultor e não queria ser agricultor. Mas também não era artesão, nem carpinteiro, nem pastor. Na verdade, ganhava a vida como uma espécie de operário, mão de obra para todas as estações e ocasiões. Um homem assim era bom para quase tudo, mas não para potencial marido. As mulheres esperavam mais de um futuro marido: isso, pelo menos, Egger achava que sabia sobre elas. Se dependesse de si, passaria o resto da vida sentado na berma de um carreiro, algures, de mão dada com Marie, encostado ao tronco resinoso de uma árvore. Mas, agora, já não dependia só de si. Tinha noção de quais eram as suas responsabilidades no mundo. Queria proteger Marie e tomar conta dela. Um homem precisava de levantar os olhos e abarcar o mais possível para lá do seu pequeno e limitado retalho de terra. Fora isso que lhe dissera e era isso que tencionava fazer.

Egger fez uma visita ao estaleiro da Bittermann & Filhos, que, por essa altura, já se expandira e abrangia todo o prado da encosta do outro lado do vale e tinha mais habitantes do que a aldeia em si. Perguntou onde ficava a cabana do gerente, que era responsável por contratar novos trabalhadores, e entrou no gabinete dele com invulgar hesitação: teve medo de que as suas botifarras estragassem o tapete, que cobria quase todo o chão e abafava os passos como se caminhasse sobre musgo. O gerente era um homem pesado, cuja cabeça careca e com cicatrizes tinha uma coroa de cabelo muito curto. Estava sentado a uma secretária de madeira preta, com um casaco de cabedal forrado a carneira, apesar do calor que fazia ali dentro. Debruçado sobre uma pilha de ficheiros, parecia não ter reparado na entrada de Egger, mas, quando Egger se preparava para fazer barulho de modo a chamar-lhe a atenção, ele levantou inesperadamente a cabeça.

– O senhor coxeia – disse ele. – Não temos serventia para um coxo.

– Não há melhor trabalhador do que eu por estas paragens –

retorquiu Egger. – Sou forte. Posso fazer seja o que for. Estou disposto a fazer seja o que for.

– Mas coxeia.

– No vale, talvez – disse Egger. – Mas, na montanha, sou o único que caminha direito.

O gerente recostou-se devagar. O silêncio encheu o gabinete, pousando como um véu negro no coração de Egger. Fixou a parede caiada e, por um instante, já não se conseguia lembrar do motivo que o levava ali. O gerente suspirou. Levantou a mão e fez um gesto como se quisesse apagar Egger do seu campo de visão. Depois, disse:

– Bem-vindo à Bittermann & Filhos. Nada de álcool, nada de prostitutas, nada de sindicatos. Começas amanhã de manhã, às cinco e meia!

Egger ajudava a cortar madeira e a erguer as colossais vigas de ferro que se enfileiravam, a intervalos de cinquenta metros, ao longo de uma linha reta que subia a montanha. Cada uma delas era vários metros mais alta do que a capela, o maior edifício da aldeia. Ele transportava ferro, madeira e cimento pela encosta acima e abaixo. Escavava trincheiras para as fundações no solo da floresta e abria buracos na rocha do tamanho de um braço, para que o perito em explosivos colocasse as suas cargas de dinamite. Durante as explosões, agachava-se a uma distância de segurança, com os colegas, nos troncos que ficavam à esquerda e à direita do amplo corredor florestal. Tapavam os ouvidos e sentiam as detonações, que faziam a montanha estremecer debaixo dos seus traseiros. Como conhecia a região praticamente melhor do que ninguém, e como aguentava muito bem as alturas, geralmente mandavam-no à frente e era o primeiro a chegar ao local da perfuração. Corria sobre cascalho, trepava por entre as rochas e pendurava-se na íngreme vertente montanhosa, preso por uma corda fina, de olhos postos na nuvenzinha de pó que a broca levantava diante do seu rosto. Egger

gostava de trabalhar a rocha. O ar ali em cima era frio e límpido e, às vezes, ouvia o grito de uma águia-real, ou via a sua sombra deslizar silenciosamente de um lado ao outro do rochedo. Pensava amiúde em Marie. Na sua mão quente e áspera, e na sua cicatriz, cuja curva ele traçava mentalmente, vezes sem conta.

No outono, Egger foi tomado pelo desassossego. Convenceu-se de que chegara finalmente o momento de pedir Marie em casamento, mas continuava sem saber como o fazer. Sentava-se na soleira de sua casa, ao anoitecer, e entregava-se a ideias e sonhos nebulosos. Pensou que, como era óbvio, o seu pedido não podia ser como outro qualquer. Tinha de ser o epítome da magnitude do seu amor e ficar gravado para sempre na memória e no coração de Marie. Um pedido por escrito, pensou; mas escrevia ainda menos do que falava, ou seja, quase nunca. Além disso, a seu ver, uma carta não estava propriamente à altura da missão. Como é que uma tamanha profusão de pensamentos e sentimentos podia caber numa única folha de papel? O ideal seria inscrever o seu amor na montanha, em letras enormes, visíveis aos olhos de toda a gente do vale, num raio de quilómetros. Explicou o seu problema a um colega, Thomas Mattl, que arrancava raízes recalcitrantes da terra, ao seu lado, na orla do corredor florestal. Mattl era um lenhador experiente e um dos funcionários mais antigos da empresa. Durante quase trinta anos, viajara com diferentes equipas pelas regiões montanhosas, derrubando as florestas em nome do progresso e plantando vigas de ferro ou pilares de cimento na terra. Apesar da idade, e das dores que ele dizia que lhe ferravam os dentes nas cruzes como uma matilha de cães raivosos, andava depressa e movia-se agilmente por entre o mato. Talvez houvesse mesmo uma maneira de inscrever qualquer coisa na montanha, disse Mattl, passando a mão pelo rosto barbudo: com a tinta do Diabo, isto é, com fogo. Na sua juventude, passara uns quantos verões a cortar madeira para pontes, no Norte. Aí, conhecera a tradição antiga dos

Fogos do Coração Sagrado, enormes imagens de fogo que eram ateadas no solstício de verão, iluminando a montanha à noite. Se era possível desenhar com fogo, disse ele, também era possível escrever. Um pedido de casamento para Marie, por exemplo. Três, quatro palavras, não mais do que isso, claro, não se conseguia fazer mais. *Casas comigo?* ou *Vem, querida*; o que quer que as mulheres gostassem de ouvir.

– Isso podia resultar – acrescentou Mattl, pensativo. Depois, levou a mão atrás da cabeça e tirou um ramo tenro e esguio que lhe ficara preso no colarinho. Arrancou com os dentes os botõezinhos brancos, um a um, e chupou-os como se fossem rebuçados.

– Sim – assentiu Egger. – Isso podia resultar.

Duas semanas depois, ao final da tarde do primeiro domingo de outubro, dezassete dos homens de mais confiança da equipa de Egger andavam às voltas na zona de cascalho acima do Adlerkante. Dispunham, segundo as instruções de Mattl, rosnadas numa voz rouca, duzentos e cinquenta saquinhos de pano, cheios de serradura e encharcados em querosene, cada um com um quilo e meio, a intervalos de aproximadamente dois metros ao longo de uma linha assinalada com cordas de cânhamo. Uns dias antes, Egger reunira os homens na tenda da cantina, depois do trabalho, para lhes explicar os seus planos e os convencer a participar.

– Receberão setenta *groschen* e um quarto de litro de *Krauterer* – disse ele, fitando os rostos sujos dos homens, um por um. Nas semanas anteriores, poupara esse dinheiro do seu salário, guardando as moedas numa caixinha de velas que enfiara num buraco na terra, por baixo da soleira de sua casa.

– Queremos oitenta *groschen* e meio litro! – disse um mecânico de motores, de cabelo preto, que viera da Lombardia e entrara para a empresa havia um par de semanas e que, graças ao seu feitio de pávio curto, conquistara rapidamente uma certa autoridade no seio da equipa.

– Noventa *groschen* e nem uma gota de *Krauterer* – contrapôs

Egger.

– Tem de haver *Krauterer*.

– Sessenta *groschen* e meio litro.

– Fechado! – gritou o homem de cabelo preto, batendo com o punho na mesa para confirmar o negócio.

Thomas Mattl passou a maior parte do tempo sentado numa ponta rochosa, de olho no que os homens estavam a fazer. Os sacos não deviam, em circunstância alguma, ficar a mais de dois metros uns dos outros, caso contrário haveria espaços em branco na escrita.

– Não podemos deixar morrer o amor por causa de um buraco numa letra, seu parvo – gritou ele, atirando uma pedra do tamanho de um punho na direção de um jovem montador de andaimes que deixara espaços demasiado grandes.

Todos os sacos foram colocados mesmo a tempo do pôr do Sol. A noite começava a descer sobre as montanhas e Mattl arrastou-se da sua rocha até ao primeiro saco da primeira letra. Perscrutou a encosta e os homens espalhados a espaços regulares ao longo dela. Depois, sacudiu o pó das calças, tirou uma caixa de fósforos do bolso das calças e ateou um pau enrolado em trapos encharcados em querosene que estava cravado no chão à sua frente. Pegou na tocha, brandiu-a acima da cabeça e soltou o grito mais sonoro e límpido que alguma vez lançara na vida. Quase em simultâneo, dezasseis tochas acenderam-se ao longo da vertente rochosa e os homens começaram a correr ao longo das linhas o mais depressa que conseguiram, ateando os sacos uns atrás dos outros. Mattl riu-se baixinho. Pensou com prazer na aguardente que o esperava, enquanto sentia, na nuca, o hálito fresco da noite descendo cada vez mais fundo sobre as montanhas.

Nesse preciso instante, no vale, Andreas Egger punha o braço em redor dos ombros de Marie. Tinham combinado encontrar-se ao pôr do Sol, no coto de árvore ao lado do velho passadiço, e, para alívio de Egger, ela fora pontual. Envergava um vestido de linho claro e o cabelo cheirava a sabão, a feno e um pouco, pensou Egger, a leitão

assado. Estendeu o casaco no coto e fez-lhe sinal para se sentar. Queria mostrar-lhe uma coisa, disse, uma coisa que talvez ela nunca mais esquecesse.

– Uma coisa boa? – perguntou Marie.

– Talvez – disse ele.

Sentaram-se lado a lado e observaram em silêncio o Sol a desaparecer atrás das montanhas. Egger ouvia o seu coração a bater com força. Por um instante, teve a sensação de que batia, não dentro do peito, mas no coto de árvore debaixo de si, como se a madeira bolorenta tivesse despertado para uma nova vida. Depois, ouviram o grito de Thomas Mattl ao longe e Egger apontou para a escuridão.

– Olha – disse. Um segundo depois, dezasseis luzes tremeluziram no alto da vertente oposta do vale, movendo-se em todas as direções como um enxame de pirilampos. Enquanto se moviam, as luzes pareciam verter gotas cintilantes que se uniam, uma a uma, formando linhas curvas. Egger sentiu o corpo de Marie ao seu lado. Envolveu-lhe os ombros com o braço e ouviu-a respirar baixinho. Do outro lado do vale, as linhas reluzentes propagaram-se pela encosta, arco atrás de arco, ou fecharam-se em formas arredondadas. No fim, uma pinta isolada acendeu-se por cima do «i» à direita e Egger soube que o velho Mattl tinha trepado, ele próprio, a vertente para atear o último saco de querosene. Para ti, Marie, lia-se na montanha, inscrito em grandes letras tremeluzentes, visíveis aos olhos de toda a gente no vale, num raio de quilómetros. O «M» estava bastante torto e faltava-lhe um pedaço, por isso parecia que alguém o esgaçara no meio. Aparentemente, pelo menos dois dos sacos não tinham pegado fogo ou nem sequer tinham sido ateados. Egger inspirou fundo; depois, virou-se para Marie e tentou distinguir-lhe o rosto na escuridão.

– Queres casar comigo? – perguntou.

– Sim – sussurrou ela, tão baixinho que ele ficou na dúvida se teria percebido bem.

– Queres, Marie? – perguntou novamente.

– Sim, quero – disse ela, numa voz firme, e Egger teve a sensação de que ia cair para trás, mas permaneceu sentado no coto de árvore. Abraçaram-se e quando, por fim, se soltaram dos braços um do outro, já os fogos na montanha se tinham extinguido.

Agora, as noites de Egger já não eram solitárias. Na cama, ao seu lado, deitava-se a sua mulher, respirando suavemente. Às vezes, contemplava-lhe os contornos do corpo debaixo do cobertor; embora, ao longo das semanas, o tivesse ficado a conhecer cada vez melhor, ainda lhe parecia um milagre incompreensível. Oficialmente, tinha trinta e três anos e conhecia as suas responsabilidades. Protegeria Marie e tomaria conta dela; fora isso que dissera a si próprio e era o que queria fazer. E foi por isso que, numa segunda-feira de manhã, se postou novamente em frente da secretária do gerente.

– Quero mais trabalho – disse, revirando o gorro de lã nas mãos.

O gerente levantou a cabeça e lançou-lhe um olhar desconfiado.

– Ninguém quer mais trabalho.

– Eu quero. Vou ter uma família.

– Então, queres mais dinheiro e não mais trabalho.

– Se é assim que vê as coisas, então deve ser isso.

– Sim, é assim que vejo as coisas. Quanto é que ganhas agora?

– Sessenta *groschen* à hora.

O gerente recostou-se e olhou pela janela, onde o cume branco do Hahnenzinne se destacava por trás de uma camada de pó. Lentamente, passou a mão pela careca. Depois, expirou ruidosamente e fitou Egger nos olhos.

– Posso dar-te oitenta, mas quero que dêes o couro por cada *groschen* que receberes. Estás disposto a isso?

Egger assentiu e o gerente suspirou. Depois, disse uma coisa que, embora Egger não a tivesse compreendido na altura, lhe ficaria na memória para o resto da vida:

– Pode-se comprar as horas a um homem, pode-se-lhe furtar os dias ou roubar-lhe a vida inteira, mas ninguém pode tirar a nenhum homem um simples momento. É assim a vida. Agora, deixa-me em paz!

*

As equipas de construção da Bittermann & Filhos já tinham avançado bem para lá da linha do arvoredado, deixando para trás uma cicatriz através da floresta com um quilómetro e meio de comprimento e até trinta metros de largura em alguns pontos. Faltavam apenas quatrocentos metros até à estação que fora prevista no cume, mesmo abaixo do pico Karleitner, mas o terreno era íngreme e inacessível. O troço final tinha de abarcar uma parede quase perpendicular, encimada por uma rocha protuberante a que os habitantes da região chamavam, devido à sua forma, a Caveira do Gigante. Durante muitos dias, Egger esteve pendurado diretamente por baixo do queixo da Caveira do Gigante, abrindo buracos no granito e enroscando os parafusos do tamanho do seu antebraço que mais tarde suportariam uma longa escada de metal para os técnicos de manutenção. Pensou com orgulho íntimo nos homens que, um dia, subiriam e desceriam essa escada, sem saberem que lhe deviam a vida exclusivamente a ele e à sua desteridade. Nas pequenas pausas que fazia para recuperar o fôlego, agachava-se numa plataforma rochosa e contemplava o vale. Havia semanas que andavam a cobrir a velha estrada de cascalho e alcatrão e, através do vapor nevoento, Egger conseguia distinguir as silhuetas dos homens a trabalharem o asfalto quente com picaretas e pás, tão distantes que pareciam fazê-lo em silêncio absoluto.

No inverno, Egger foi um dos poucos funcionários que se manteve na folha de salários da empresa. Juntamente com um punhado de homens, incluindo Thomas Mattl – cuja experiência em áreas florestais conquistada ao longo de uma vida inteira se revelara

extremamente útil para a empresa –, continuou a alargar o corredor e a limpá-lo de pedras, pedaços de madeira e raízes. Muitas vezes, trabalhavam com a neve pelas ancas, a arrancar uma raiz do solo gelado, enquanto o vento lhes fustigava o rosto com flocos de gelo como grãos de chumbos, até a pele lhes começar a sangrar. Enquanto labutavam, só falavam quando era necessário e, nas suas pausas para o almoço, sentavam-se em silêncio debaixo de um abeto coberto de neve, tostando os seus cacetes na fogueira. Avançavam penosamente uns atrás dos outros através do mato, ou sentavam-se ao abrigo de uma rocha durante uma tempestade, soprando para as mãos laceradas do frio. Eram como animais, pensou Egger; rastejavam pela terra, aliviavam-se atrás da árvore mais próxima e estavam tão imundos que mal se distinguiam da paisagem envolvente. Muitas vezes, pensava também em Marie, que o esperava em casa. Já não estava sozinho e, embora ainda não se tivesse habituado a essa sensação, ela aquecia-o mais do que a fogueira em cujas brasas ele espetava as suas botas geladas e duras como pedra.

Na primavera, depois de começar o degelo, quando um misterioso gotejar e borbulhar se propagara pela floresta, houve um acidente na equipa de Egger. Estavam a trabalhar num pino cembro que se vergara sob o peso da neve, quando a madeira cedeu à tensão, com um estalido intenso. Uma lasca da altura de um homem saltou do tronco, arrancando o braço direito do jovem lenhador Gustl Grollerer, que, por azar, ele erguera acima da cabeça, pronto para desferir mais um golpe de machado. Grollerer caiu no chão e cravou os olhos no seu braço, que jazia no solo da floresta, a dois metros de distância, com os dedos ainda agarrados ao machado. Por um instante, um estranho silêncio abateu-se sobre tudo, como se a floresta inteira tivesse ficado petrificada, sustendo a respiração. No fim, foi Thomas Mattl o primeiro a mexer-se.

– Meu Deus – disse –, a coisa parece grave.

Foi à caixa de ferramentas, tirou um laço de arame para raspar

casca de árvore e, com toda a força, apertou-o à volta do coto do braço de Grollerer, que espirrava sangue escuro. Grollerer uivou e contorceu-se todo e, depois, ficou muito quieto, desmaiado.

– Isto já passa – disse Mattl, enrolando o lenço à volta do ferimento. – Ninguém se esvai em sangue tão depressa!

Um dos homens sugeriu cortar ramos para fazer uma maca. Outro começou a esfregar um punhado de ervas da floresta no coto, mas foi rapidamente empurrado para o lado. Por fim, concordaram que era melhor transportarem o ferido para a aldeia, assim como estava, amarrarem-no à traseira de um camião e levarem-no para o hospital. O mecânico de máquinas da Lombardia levantou Grollerer do chão e pô-lo aos ombros como uma saca inerte. Seguiu-se uma breve discussão sobre que fim dar ao braço. Uns sugeriram embrulharem-no e levarem-no com eles; talvez os médicos conseguissem reimplantá-lo. Outros contradisseram-nos: nunca nenhum médico, nem o mais diabólico deles, reimplantara um braço inteiro e, mesmo que isso fosse possível, o membro ficaria caído junto do tronco de Grollerer, para o resto da vida, inútil e feio e a dificultar-lhe o dia a dia. Foi o próprio Grollerer quem acabou com a discussão, quando recuperou os sentidos, levantou a cabeça do ombro do mecânico e disse:

– Enterrem o meu braço na floresta. Pode ser que uma groselheira preta nasça dele!

Enquanto os outros homens se encaminhavam para a aldeia com Gustl Grollerer, agora ex-lenhador, Egger e Thomas Mattl ficaram para trás, no local do acidente, para enterrarem o braço. As folhas e a terra onde se encontrava estavam escuras de sangue e os dedos afiguraram-se-lhes cerosos e frios quando os soltaram do punho do machado. Um pequeno besouro preto-azeviche e de cornos compridos estava pousado na ponta do indicador. Mattl segurou no braço hirto à sua frente e, semicerrando os olhos, inspecionou-o.

– É estranho – disse. – Ainda há pouco, isto fazia parte do Grollerer. Agora, está morto e pouco mais vale do que um ramo

podre. O que é que achas? O Grollerer continua a ser o Grollerer?

Egger encolheu os ombros.

– Porque não? É o Grollerer, mas só com um braço.

– E se a árvore lhe tivesse arrancado os dois braços?

– Também continuaria a ser o Grollerer.

– E se lhe tivesse arrancado os dois braços, as duas pernas e metade da cabeça?

Egger refletiu.

– Provavelmente ainda seria o Grollerer... de alguma maneira. – De repente, já não tinha tanta certeza.

Thomas Mattl suspirou. Pousou o braço suavemente em cima da caixa de ferramentas e, juntos, com umas pazadas, escavaram um buraco na terra. Entretanto, a floresta recomeçara a respirar e cantavam pássaros por cima deles. Estivera um dia frio, mas, entretanto, o cobertor de nuvens dispersou-se e o sol caía em feixes reluzentes por entre a abóbada de folhas, deixando a terra mole e lamacenta. Colocaram o braço na sua sepulturazinha e taparam-no. Os dedos foram a última coisa a desaparecer. Por um instante, ficaram espetados na terra como gordos bichos da farinha e, depois, sumiram. Mattl sacou da sua bolsinha de tabaco e encheu o cachimbo, que ele próprio esculpira a partir de um pedaço de ameixeira.

– Morrer é uma coisa tão mal-amanhada – disse ele. – Com o passar do tempo, vai sobrando cada vez menos de nós. Para algumas pessoas, acontece muito depressa; para outras, a coisa arrasta-se. A partir do momento em que nascemos, estamos sempre a perder uma coisa atrás da outra: primeiro um dedo, depois um braço; primeiro um dente, depois a dentadura toda; primeiro uma recordação, depois a memória toda, e por aí fora, até que, um dia, não resta nada. A seguir, deitam o que sobra de nós num buraco, tapam-no com terra e assunto encerrado.

– E haverá o frio – acrescentou Egger. – Um frio que rói a alma.

– O velhote fitou-o. Depois, retorceu a boca e, evitando a haste do

cachimbo, cuspiu para a lasca traiçoeira da árvore, que tinha os bordos pegajosos do sangue de Grollerer.

– Tretas. Não haverá nada, nem frio e muito menos uma alma. Quem está morto, morto está e ponto final. Não há nada depois disso... incluindo Deus. Porque, se houvesse Deus, o seu reino divino não seria tão longe, c'os diabos!

Thomas Mattl foi levado deste mundo passados nove anos, mais dia, menos dia. Toda a vida desejara morrer a trabalhar, mas não foi isso que aconteceu. Enquanto tomava banho na única banheira do campo dos operários, uma monstruosidade amolgada de ferro galvanizado que um dos cozinheiros alugava aos trabalhadores por uma pequena quantia, Thomas Mattl adormeceu. Quando acordou, a água estava gelada e ele apanhou uma constipação da qual nunca recuperou. Durante várias noites, encharcou a enxerga de suor, balbuciando coisas incoerentes sobre a mãe há muito falecida ou sobre «demónios vampíricos da floresta». Depois, num dia de manhã, levantou-se e declarou que já estava bom e queria ir trabalhar. Vestiu as calças, saiu porta fora, espetou a cabeça para o Sol e caiu redondo. Foi enterrado ao lado do cemitério da aldeia, no prado íngreme que a empresa comprara às autoridades locais. Praticamente todos os funcionários que o puderam fazer reuniram-se para se despedir dele e ouviram o breve discurso fúnebre que um dos capatazes tinha alinhavado e que falava sobre a dureza do trabalho na montanha e a pureza da alma de Mattl.

Thomas Mattl foi um dos trinta e sete homens que, segundo os números oficiais, morreram ao serviço da Bittermann & Filhos, até a empresa ir à falência, em 1946. Na verdade, porém, muitos mais deram a vida pela indústria dos teleféricos, que se expandiu a grande velocidade a partir dos anos 30. «Por cada cabina, alguém vai para debaixo da terra», dissera Mattl, numa das suas derradeiras noites. Por essa altura, porém, já os outros homens não o levavam muito a sério; achavam que a febre já lhe queimara os últimos resquícios de inteligência no cérebro.

E assim chegou ao fim o primeiro ano de Andreas Egger ao serviço da Bittermann & Filhos, e o 1.º Teleférico Wendenkogler (era este o título oficial, embora só o presidente da câmara e os turistas o usassem; os habitantes da região chamavam-lhe simplesmente a Liesl Azul, por causa das suas duas cabinas azul-relâmpago, que, devido à dianteira bastante achatada, faziam lembrar a mulher do presidente da câmara) foi inaugurado numa grande cerimónia que se realizou na estação do cume. Uma série de pessoas chiques vindas das terras para lá do vale postaram-se na plataforma, a congelar com os seus fatos finos e vestidos ainda mais finos, e o padre gritou a sua bênção para o vento, com a sotaina a adejar em redor do corpo como a plumagem desgrenhada de uma gralha. Egger encontrava-se entre os colegas, que se tinham espalhado pela montanha, abaixo da Caveira do Gigante, e sempre que via as pessoas a aplaudir lá em cima, na plataforma, lançava os braços ao céu e soltava vivas de entusiasmo. No seu coração, tinha uma estranha sensação de expansividade e orgulho. Sentiu que fazia parte de algo grandioso, algo que ia muito além dos seus próprios poderes (incluindo o poder da sua imaginação) e que julgou que seria sinónimo de progresso, não só para a vida no vale, mas também, de algum modo, para toda a humanidade. Desde a viagem-teste, efetuada uns dias antes, em que a Liesl Azul balouçara até lá acima, estremecendo cautelosamente, mas sem grandes percalços, as montanhas pareciam ter abandonado uma parte da sua eterna pujança. E seguir-se-iam mais teleféricos. A empresa prolongara os contratos de quase todos os seus trabalhadores e apresentara planos para construir um total de quinze teleféricos, incluindo uma obra arrepiante que propunha transportar os passageiros com mochilas e esquis em cadeiras de madeira suspensas em vez de cabinas. Egger achou a ideia ridícula, mas, no seu íntimo, admirou os engenheiros que espremiavam ideias fantásticas como aquela das suas cabeças e a quem nem as tempestades de neve, nem o calor do verão turvava o otimismo e o brilho dos sapatos impecavelmente engraxados.

Meia vida depois, ou quase quatro décadas depois, no verão de 1972, Egger postou-se no mesmo local a ver as reluzentes cabinas prateadas da antiga Liesl Azul a deslizarem velozmente, muito alto por cima da sua cabeça, acompanhadas por um zumbido quase inaudível. Na plataforma, as portas da cabina abriram-se com um longo silvo e descarregaram uma multidão de excursionistas que se dispersaram em todas as direções pela montanha, como insetos coloridos. Aquelas pessoas que trepavam tão irresponsavelmente pela vertente rochosa irritavam Egger. Pareciam estar constantemente à procura de uma espécie qualquer de milagre escondido. Apetecia-lhe barrar-lhes o caminho e pregar-lhes uma ensaboadela, mas não sabia muito bem o que tinha contra elas. Secretamente – pelo menos isso era capaz de admitir para si próprio – invejava-as. Via-as a saltar por cima das rochas, de sapatilhas e calções, com os filhos encavalitados nos ombros, sorrindo para as suas objetivas, enquanto ele era um velho que já não servia para nada e se dava por satisfeito por ainda conseguir andar mais ou menos direito. Já estava há tanto tempo no mundo! Vira-o mudar e parecia que girava cada vez mais depressa de ano para ano, e Egger sentia-se um vestígio de uma era há muito enterrada, uma espinhosa erva daninha que teimava em esticar-se, enquanto pudesse, em direção ao Sol.

As semanas e meses que se seguiram à cerimónia de inauguração na estação do cume foram os mais felizes da vida de Andreas Egger. Considerava-se uma roda dentada pequena, mas não sem importância, numa máquina gigantesca chamada Progresso e, às vezes, antes de adormecer, imaginava-se sentado no ventre dessa máquina, enquanto ela avançava inexoravelmente através de

florestas e montanhas, contribuindo, com o calor e o suor do seu corpo, para a sua marcha constante. Tirara as palavras «com o calor e o suor do seu corpo» de uma revista muito gasta que Marie encontrara debaixo de um dos bancos da estalagem e da qual, de vez em quando, lhe lia uns trechos à noite. Além de todo o tipo de ideias sobre moda urbana, jardinagem, cuidar de animais de estimação e moralidade em geral, a revista também trazia uma história. Era sobre um nobre russo empobrecido que, num inverno, atravessava metade da Rússia com a sua amante, a filha de um camponês abençoada com estranhos dons, para a salvar da religiosidade fanática de uns anciãos, entre os quais se encontrava o próprio pai da rapariga. O conto terminava em tragédia, mas continha uma grande quantidade de cenas ditas «românticas», que Marie lia em voz alta com um tremor quase impercetível na voz e que evocavam em Egger um estranho misto de repulsa e fascínio. Ouvia as palavras que saíam da boca de Marie e sentia um calor a espalhar-se lentamente debaixo do cobertor, calor esse que ele tinha a sensação de que daí a nada encheria toda a cabana. Sempre que o nobre empobrecido e a filha do camponês atravessavam na sua carruagem a estepe coberta de neve, perseguidos pelo estrépito de cavalos e os gritos furiosos dos seus carrascos, e que a rapariga aterrorizada se lançava para os braços do conde, roçando na face dele com a bainha de um vestido que já estava sujo da viagem, Egger não aguentava mais. Libertava-se do cobertor e fixava, com olhos inflamados, a penumbra tremeluzente sob as vigas do telhado. Depois, Marie pousava a revista cuidadosamente debaixo da cama e apagava a vela.

– Vem – sussurrava ela na escuridão, e Egger obedecia.

No final de março de 1935, Egger e Marie estavam sentados na soleira, depois do pôr do Sol, a contemplar o vale. Nevava muito nas últimas semanas, mas havia dois dias que uma súbita onda de calor anunciava a chegada da primavera: a toda a volta, a neve derretia

e, durante o dia, os bicos das andorinhas bebés espreitavam por cima da borda do ninho, sob o beiral. De manhã à noite, as andorinhas adultas voavam para junto das crias, levando-lhes minhocas e insetos, e Egger comentou que «tanta merda de pássaro seria suficiente para fazer umas novas fundações». Mas Marie gostava dos pássaros; via-os como amuletos esvoaçantes que mantinham o mal ao largo de sua casa, por isso ele resignou-se com a porcaria que faziam e deixou ficar o ninho.

O olhar de Egger percorreu a aldeia inteira e a vertente oposta do vale. Em muitas casas, já se viam as luzes acesas pelas janelas. Havia algum tempo que o vale tinha eletricidade e nuns dias, aqui e ali, avistava-se um ou outro velho agricultor sentado diante de um candeeiro, no quarto, a observar, espantado, o seu brilho intenso. Também já havia luzes acesas no campo dos trabalhadores e o fumo erguia-se quase na vertical dos canos estreitos de ferro, em direção ao céu enevado do anoitecer. Ao longe, parecia que as nuvens estavam presas aos telhados por finos fios, suspensas sobre o vale como enormes balões amorfos. As cabinas da Liesl Azul estavam paradas e Egger pensou nos dois engenheiros de manutenção que, naquele preciso instante, andavam na sala das máquinas com as suas latinhas de óleo a lubrificar a maquinaria. Já tinha sido construído mais um teleférico e tinham começado a rasgar um corredor na floresta do vale vizinho para erguer um terceiro, mais comprido e largo do que os dois primeiros juntos. Egger olhou para a sua terra íngreme e coberta de neve, que se estendia diante de si. Sentiu uma pequena onda de satisfação a inundá-lo e apeteceu-lhe levantar-se de um salto e gritar a sua felicidade para o mundo inteiro ouvir, mas Marie estava ali sentada, tão sossegada e imóvel, que ele se deixou ficar quieto.

– Podíamos plantar mais legumes – disse ele. – Eu podia aumentar a horta. Atrás da casa. Batatas, cebolas, esse tipo de coisa.

– Sim, a ideia não é má, Andreas – respondeu ela. Egger fitou-a. Não se lembrava de alguma vez ela o ter tratado pelo nome. Foi a

primeira vez e afigurou-se-lhe estranho. Marie passou as costas da mão pela testa e ele desviou os olhos.

– Teremos de ver se crescem neste tipo de solo – continuou ele, espetando a ponta do sapato na terra gelada.

– Algo vai crescer. E vai ser maravilhoso – respondeu ela. Egger fitou-a novamente. Estava ligeiramente encostada para trás e o rosto mal se via na sombra da entrada da casa. A única coisa que ele conseguia distinguir eram os olhos dela, duas gotas reluzentes na escuridão.

– Porque é que estás com essa cara? – perguntou, baixinho. De repente, sentiu-se constrangido, ali sentado ao lado daquela mulher que lhe era, simultaneamente, tão familiar e tão desconhecida. Ela inclinou-se um pouquinho para a frente e pousou as mãos no colo. Egger achou-as involuntariamente delicadas e brancas. Parecia impossível que, apenas umas horas antes, tivessem estado a cortar lenha com um machado. Ele esticou o braço e tocou no ombro de Marie e, embora continuasse a olhar-lhe para as mãos brancas no colo, percebeu que ela estava a sorrir.

À noite, Egger acordou com um barulho peculiar. Uma mera intimação, um suave sussurro deslizando furtivamente pelas paredes. Ficou deitado na escuridão, à escuta. Sentiu o calor da sua mulher, ao seu lado, e ouviu o som discreto da sua respiração. Acabou por se levantar e sair de casa. Foi fustigado pelo *Föhn*, o vento quente, que quase lhe arrancou a porta da mão. Nuvens escuras corriam pelo céu noturno e uma Lua pálida e sem forma tremeluzia entre elas. Egger avançou um pouco ao longo do campo, subindo. A neve era intensa e molhada e a água do degelo borbulhava a toda a volta. Pensou nos legumes e em todas as outras coisas que tinha de fazer. A terra dava pouco, mas seria suficiente. Poderiam criar uma cabra ou talvez até uma vaca, pensou, para terem leite. Deteve-se. Algures, muito lá no alto, ouviu um som, como se algo no âmago da montanha estivesse a rachar-se com um

suspiro. Depois, ouviu um ribombar cavo e crescente e, um instante depois, a terra debaixo dos seus pés começou a tremer. De repente, teve frio. Segundos depois, o ribombar transformou-se numa nota aguda e estridente. Egger ficou petrificado, ouvindo a montanha começar a cantar. A seguir, viu uma coisa grande e preta passar por si, silenciosa e velozmente, a cerca de vinte metros de distância, e, antes mesmo de perceber que era o tronco de uma árvore, desatou a correr. Correu em direção a casa, por entre a neve funda, gritando o nome de Marie, mas, um instante depois, algo o agarrou e levou pelos ares. Sentiu-se a ser transportado e a última coisa que viu antes de uma onda negra o tragar foram as suas pernas, espetadas acima de si, em direção ao céu, como se estivessem desligadas do resto do corpo.

Quando Egger recuperou os sentidos, as nuvens tinham desaparecido e, no céu noturno, a Lua era de um branco radioso. A toda a volta, as montanhas elevavam-se ao luar; os seus picos gelados pareciam ter sido feitos a partir de uma folha de metal e, afiados e definidos, cortavam o céu. Egger estava deitado de costas, torto. Conseguia mexer a cabeça e os braços, mas tinha as pernas enterradas na neve até às ancas. Começou a escavar. Usando as duas mãos como pás, arrancou as pernas da neve e, depois de as libertar, viu-as ali deitadas, inertes, frias e estranhas como duas tábuas de madeira. Esmurrou as coxas com os punhos.

– Não me abandonem agora – disse e, quando finalmente a dor entrou disparada nelas, a par com o sangue, soltou uma gargalhada rouca. Tentou levantar-se, mas os joelhos cederam-lhe imediatamente. Amaldiçoou as suas pernas inúteis e amaldiçoou o seu corpo inteiro, mais fraco do que o de uma criancinha. – Vá, de pé! – disse para si próprio e, quando tentou outra vez, conseguiu levantar-se. A paisagem alterara-se. A avalanche enterrara árvores e rochas e nivelara o solo. A neve profunda estendia-se como um vasto cobertor ao luar. Tentou orientar-se tendo as montanhas como referência. Tanto quanto conseguia perceber, estava a cerca de

trezentos metros abaixo da sua cabana, que devia ficar lá em cima, atrás do monte de neve empilhada. Pôs-se a caminho. Avançou com mais lentidão do que pensara: a neve da avalanche era imprevisível, dura como rocha nuns pontos, como se se tivesse fundido com o leite rochoso, e mole e polvorenta como açúcar dois passos mais à frente. A dor era intensa. Estava especialmente preocupado com a perna sã. Parecia que tinha um ferrão de ferro espetado na coxa, que, a cada passo, se lhe enterrava cada vez mais fundo na carne. Lembrou-se das jovens andorinhas. Esperava que a onda de choque não as tivesse apanhado. O ninho encontrava-se num ponto bem protegido e a estrutura do telhado que ele construíra era robusta. Ainda assim, teria de reforçar as vigas mestras que a sustentavam; fixaria o telhado com pedras e protegeria as traseiras com uma parede de fragmentos de rocha encaixados uns nos outros e bem alicerçada na vertente.

– Mas as pedras têm de ser achatadas! – disse, em voz alta, para si próprio. Deteve-se um instante, à escuta, mas praticamente não se ouvia nada. O vento *Föhn* desaparecera, deixando apenas uma brisa delicada que lhe fazia cócegas na pele. Continuou a andar. O mundo à sua volta estava silencioso e morto. Por um instante, teve a sensação de ser a última pessoa à face da Terra ou, pelo menos, do vale. Riu-se. – Que disparate! – disse, e seguiu caminho. O último troço antes do monte de neve era íngreme e teve de gatinhar. Debaixo dos seus dedos, a neve esboroava-se e pareceu-lhe curiosamente quente. A dor nas pernas desaparecera estranhamente, mas o frio ainda lhe estava instalado nos ossos, que se lhe afiguravam leves e quebradiços como vidro. – Estou quase lá – disse para si próprio, ou para Marie, ou para quem quer que fosse, mas, ao proferir essas palavras, soube que já não havia ninguém para o ouvir e, quando içou o seu corpo por cima da crista da colina, soltou um ruidoso soluço. Ajoelhou-se na neve e observou a extensão ao luar onde, antes, se erguia a sua casa. Gritou o nome da sua mulher para o interior do silêncio:

– Marie! Marie!

Levantou-se e caminhou ao acaso pelo seu terreno. Por baixo de uma camada de pó que lhe dava pelos joelhos, a neve era dura e lisa, como se tivesse sido prensada por um rolo. Havia telhas, pedras e pedaços de madeira espalhados por toda a parte. Reconheceu o anel de ferro do seu barril coletor de água da chuva e, ao lado dele, uma das suas botas. Num ponto ligeiramente elevado, via-se um bocado da chaminé a sair do solo. Egger avançou uns passos para o sítio onde calculou que devia ficar a entrada. Pôs-se de joelhos e começou a escavar. Escavou até lhe sangrarem as mãos e a neve debaixo de si ficar escura. Uma hora depois, quando tinha escavado cerca de um metro e meio, sentiu sob as pontas dos dedos em carne viva, como que incrustada em cimento, uma viga do telhado que a avalanche arrancara, e parou de escavar. Sentou-se e perscrutou o céu noturno. Depois, caiu para a frente e pousou o rosto na neve encharcada em sangue.

Só ao fim de várias semanas é que os fragmentos dos relatos individuais foram encaixados uns nos outros e os habitantes do vale conseguiram dar uma certa ordem, mentalmente, ao que acontecera naquela noite. A avalanche ocorrera às duas e meia da manhã. Um enorme bloco de neve soltara-se de uma cornija a cerca de cinquenta metros abaixo do Almerspitze e mergulhara pela montanha abaixo com uma força considerável. Como o terreno onde se quebrou era quase na vertical, a avalanche rapidamente ganhou velocidade, deixando um rasto de devastação ao precipitar-se pelo vale abaixo. A massa de neve passou, ribombante, mesmo por trás da aldeia, e avançou até ao outro lado do vale, onde desencadeou uma segunda avalanche, mais pequena, cuja orla norte chegou ao campo da Bittermann & Filhos, tão longe, parando finalmente a um passo da velha banheira de Thomas Matzl. A avalanche arrancou as árvores da floresta pelas raízes e arrastou-as consigo, deixando uma vala profunda que se estendia até ao outeiro

ao lado do lago da aldeia. Os habitantes disseram ter ouvido uma detonação abafada, seguida de um som como que de torrente ou trovão, o galopar de uma enorme manada de gado a descer a montanha e a aproximar-se rapidamente da aldeia. A onda de choque fez as janelas tremer e, em toda a parte, estatuetas da Virgem e crucifixos caíram das paredes. As pessoas fugiram de casa e correram para a rua, baixando a cabeça sob uma nuvem de pó de neve que pareceu engolir as estrelas. Reuniram-se em frente da capela e os estrondos morredoiros da avalanche fizeram-se acompanhar por um coro sussurrado de mulheres a rezar. Lentamente, a nuvem de neve assentou, cobrindo tudo com uma fina camada branca. Um silêncio de morte abateu-se sobre o vale e os habitantes souberam que o desastre tinha acabado.

Os estragos foram devastadores, muito piores do que os da grande avalanche de 1873, da qual dois ou três dos aldeões mais velhos julgavam lembrar-se: na quinta dos Ogfreiner, dezasseis cruzeiros esculpidas no altar da família eram a prova silenciosa das suas dezasseis almas enterradas. Desta vez, quatro quintas, dois grandes celeiros de feno e o moinhozinho do presidente da câmara no regato da montanha, bem como as cabanas de cinco trabalhadores e uma das latrinas do campo ficaram completamente destruídos, ou pelo menos consideravelmente danificados. Dezanove vacas, vinte e oito porcos, inúmeras galinhas e as únicas seis ovelhas da aldeia tinham, todos eles, morrido. Os seus cadáveres foram arrancados da neve com a ajuda de tratores, ou com as mãos, e queimados com os detritos de madeira que não podiam ser reutilizados. O fedor a carne queimada ficou a pairar no ar durante dias e sobrepôs-se ao cheiro da primavera, que chegara em cheio, derretendo as massas de neve e revelando a verdadeira dimensão do desastre. Apesar disso, no domingo, os aldeões reuniram-se na capela e agradeceram ao Senhor a sua bondade, pois somente a misericórdia divina podia explicar o facto de a avalanche só ter ceifado a vida a três pessoas: o venerável casal de antigos

agricultores, Simon e Hedwig Jonasser, cuja casa tinha ficado completamente cercada de neve e que foram encontrados, depois de a equipa de resgate ter conseguido abrir caminho até ao quarto, deitados na cama nos braços um do outro, com os rostos encostados, asfixiados; e a empregada da estalagem, Marie Reisenbacher, a jovem noiva de Andreas Egger.

Os homens reunidos à pressa para formar uma equipa de salvamento na noite do desastre encontraram a cabana de Egger engolida pela neve e Egger deitado, enrolado sobre si mesmo, ao lado de um buraco que cavara na neve com as próprias mãos. Contaram-lhe, depois, que ele não se mexera quando se aproximaram do local e que nenhum deles teria apostado um *groschen* sequer em como havia vida naquela escura pilha humana. Egger não se lembrava de um único pormenor do seu resgate, mas a imagem, como que saída de um sonho, de tochas a emergirem da escuridão da noite e a avançarem lentamente para ele, bruxuleando como fantasmas, permaneceria gravada na sua memória até ao dia da sua morte.

O corpo de Marie foi resgatado, estendido na capela ao lado dos Jonassers e enterrado no cemitério da paróquia. O funeral realizou-se sob um sol radioso, com as primeiras abelhas a zumbirem sobre a terra revolvida. Egger sentou-se num banco, hirto e doente de dor, recebendo os pêsames das pessoas. Não percebia o que lhe diziam e teve a sensação de que as mãos que lhe estendiam eram objetos desconhecidos que lhe davam para ele segurar.

Nas semanas que se seguiram, Egger alojou-se no Bode d'Ouro. A maior parte do tempo, passava o dia na cama, num quartinho atrás da lavandaria, que o estalajadeiro pusera à sua disposição. As suas pernas partidas demoraram muito tempo a sarar. O endireita Alois Klammerer morrera anos antes (o cancro comeu-lhe o palato, metade do maxilar e uma das faces, de modo que, no fim, se lhe conseguia ver os dentes através da face aberta como que através de uma janela), por isso chamaram o jovem médico da região, que se

mudara para a aldeia na estação anterior, e ganhava o seu sustento basicamente graças às distensões, entorses e fraturas dos turistas que vinham em quantidades cada vez maiores fazer marcha e esquí. A Bittermann & Filhos pagou a fatura do médico e Egger teve direito a dois reluzentes gessos brancos nas pernas. No fim da segunda semana, enfiaram uma almofada grossa de palha nas suas costas e deram-lhe autorização para se sentar e beber o leite de uma caneca em vez de o sorver de um prato de barro. No fim da terceira semana, já estava suficientemente bem para que todos os dias, por volta do meio-dia, o estalajadeiro e o empregado do bar o embrulhassem num cobertor, o tirassem da cama e sentassem do lado de fora da porta, num banquinho de vidoeiro. Dali, conseguia ver a vertente onde a sua casa se erguera e onde, agora, a única coisa que distinguia era uma pilha de destroços iluminada pelo quente sol primaveril.

No final de maio, Egger pediu a um dos moços da cozinha um cutelo de carne afiado. Usou-o para cortar os gessos até conseguir parti-los ao meio e soltar as pernas. Ficaram ali deitadas no lençol, magras e brancas como dois paus descarnados, parecendo-lhe quase ainda mais peculiares do que quando as tirara, umas semanas antes, hirtas e frias, da neve.

Durante uns dias, Egger arrastou o seu corpo emaciado da cama para o banco de vidoeiro e vice-versa, até que, por fim, sentiu que as pernas lhe pertenciam novamente e teriam força suficiente para o levar para mais longe. Vestiu umas calças pela primeira vez em semanas e dirigiu-se para o seu terreno. Atravessou a floresta no sítio onde fora terraplanada pela avalanche; levantou os olhos para o céu, que estava cheio de nuvenzinhas redondas, e pousou-os nas flores que brotavam em toda a parte entre os cotos e os troncos de árvores arrancadas pela raiz: brancas, amarelo-gema, azul-vivo. Tentou ver tudo ao pormenor para mais tarde recordar. Queria compreender o que acontecera, mas quando, horas depois, chegou ao seu terreno e viu as vigas e as tábuas espalhadas, percebeu que

não havia nada para compreender. Sentou-se numa rocha e pensou em Marie. Imaginou o que teria acontecido naquela noite e viu imagens terríveis na sua mente: Marie sentada na cama de ambos, de braços esticados no cobertor, à escuta, de olhos arregalados na escuridão, um segundo antes de a avalanche ter entrado pelas paredes dentro como um punho gigante e ter enterrado o seu corpo na terra fria.

*

No outono, quase meio ano depois da avalanche, Egger deixou o vale e foi trabalhar para outras paragens, ao serviço da empresa. Mas já não podia fazer os trabalhos pesados de lenhador.

– O que é que esperas que façamos com uma pessoa como tu? – perguntou o gerente. Egger atravessara o gabinete coxeando silenciosamente e postou-se diante da secretária, de cabeça caída. – Já não serves para nada. – Egger fez que sim com a cabeça e o gerente suspirou. – Lamento muito o falecimento da tua mulher – disse ele. – Mas nem penses que a explosão teve alguma coisa que ver com isso. A última detonação foi duas ou três semanas antes da avalanche.

– Não penso – respondeu Egger.

O gerente inclinou a cabeça para o lado e fixou o olhar na janela durante um momento.

– Ou achas que a montanha tem memória? – perguntou abruptamente. Egger encolheu os ombros. O gerente inclinou-se para a frente, gargarejou e cuspiu para um prato de lata aos seus pés. – Tudo bem – disse, por fim. – A Bittermann & Filhos construiu dezassete teleféricos até agora e vai por mim: não serão os últimos. As pessoas estão malucas com esta coisa de descer as montanhas em cima de umas tábuas. – Enfiou o prato debaixo da secretária com a ponta do sapato e olhou para Egger com ar muito sério. – Vá-se lá saber porquê – disse. – Seja como for, os teleféricos precisam de

manutenção: é preciso verificar os cabos, lubrificar as rodas motoras, verificar o estado dos tejadilhos das cabinas e por aí fora. Não precisas de ter sempre terra firme debaixo dos teus pés, pois não?

– Acho que não – disse Egger.

– Então, tudo bem – retorquiu o gerente.

Egger foi destacado para uma pequena equipa, um punhado de homens taciturnos cujos rostos barbudos, queimados pelo sol da montanha, pouco revelavam acerca das suas emoções. Viajavam ao longo de estradas de montanha – que eram, cada vez mais, alcatroadas –, empoleirados em paletes na traseira de um camião de mercadorias, indo de um teleférico para outro, para assegurarem o trabalho de manutenção que era demasiado exigente para os operários locais. A tarefa de Egger era sentar-se numa estrutura de madeira, presa aos cabos de aço por uma mera corda de segurança e uma roldana com travão, e deslizar lentamente em direção ao vale, retirando pó, gelo e excrementos de pássaro dos cabos e das juntas esféricas, e lubrificá-los com óleo. Mais ninguém estava disposto a fazer aquele trabalho. Corria a história de que, em ocasiões diferentes, dois homens, ambos alpinistas experientes, tinham morrido de uma queda, ou por descuido, ou por defeito do material, ou simplesmente por causa do vento, que às vezes fazia os cabos oscilar vários metros para cada lado. Mas Egger não tinha medo. Sabia que a sua vida estava presa por uma fina corda, mas, assim que trepava a uma viga, prendia o mecanismo de roldana e fixava o mosquetão, era inundado por uma sensação de calma e, aos poucos, a nuvem negra de pensamentos confusos e desesperantes que lhe cobria o coração dissolvia-se no ar da montanha, até não sobrar nada, a não ser pura mágoa.

Durante muitos meses, Egger andou assim, de vale em vale, passando as noites no camião ou em quartos de pensão baratos e os dias suspenso entre o céu e a terra. Viu o inverno instalar-se nas

montanhas. Trabalhou sob densos nevões, raspou gelo dos cabos com a sua escova de arame e dos esteios das vigas arrancou longos sinelos que se quebravam silenciosamente nas profundezas por baixo dele, ou eram engolidos pela neve muda. Ouvia amiúde, ao longe, o troar abafado de uma avalanche. Às vezes, parecia que estava a aproximar-se de si e ele levantava os olhos para a vertente, antecipando uma enorme onda branca que o ergueria nos ares por um instante e depois o tragaría, juntamente com o cabo, as vigas de aço e o mundo inteiro. Mas, de todas as vezes, o ribombar esmorecia e voltavam a ouvir-se claramente os gritos das gralhas.

Na primavera, o trabalho levou-o de volta para o vale, onde permaneceu durante uns tempos, para limpar a vegetação e os detritos do corredor florestal da Liesl Azul e remendar pequenas fissuras nas fundações das vigas. Instalou-se novamente no Bode d'Ouro, no quarto onde passara tantos dias com as pernas partidas. Todas as tardes, regressava da montanha morto de cansaço, comia o resto da sua ração diária sentado na beira da cama, e mergulhava num sono profundo e sem sonhos, assim que pousava a cabeça na almofada. Uma vez, acordou a meio da noite com uma sensação peculiar e, levantando os olhos para a janelinha empoeirada mesmo abaixo do teto, viu que estava toldada por centenas de traças. As asas das criaturas pareciam reluzir ao luar e adejavam contra a vidraça com um restolhar de papel quase impercetível. Por um instante, Egger pensou que o seu aparecimento devia ser um sinal, mas não sabia de quê, por isso fechou os olhos e tentou voltar a adormecer. São só traças, pensou, umas traçazinhas sem importância nenhuma; e quando acordou, de manhã cedo, tinham desaparecido.

Permaneceu durante várias semanas na aldeia, que, aparentemente, tinha recuperado em grande parte do impacto da avalanche e, depois, seguiu caminho. Evitou ir dar uma vista de olhos ao seu terreno e visitar o cemitério, e não se sentou no banquinho de vidoeiro. Seguiu caminho, suspenso no ar entre

montanhas, e viu as estações mudarem como quadros coloridos que nada significavam para si e nada tinham que ver consigo. Mais tarde, recordaria os anos que se seguiram à avalanche como uma época vazia e silenciosa que só muito devagar, quase impercetivelmente, recomeçou a encher-se de vida.

Num límpido dia de outono, quando um rolo de papel de lixa lhe escorregou da mão e se precipitou pela encosta abaixo como um jovem bode impetuoso, até saltar de uma rocha e desaparecer nas profundezas, Egger deteve-se pela primeira vez em anos e contemplou a paisagem à sua volta. O Sol estava baixo e até os cumes distantes das montanhas se destacavam com tanta nitidez, que era como se alguém tivesse acabado de os pintar no céu. Mesmo ao seu lado, um sicómoro solitário flamejava, amarelo; um pouco mais longe, pastavam umas vacas, lançando umas sombras compridas e esguias que acompanhavam o ritmo delas, passo a passo, através do prado. Um grupo de caminhantes estava sentado debaixo do telheiro de um pequeno estábulo para vacas prenhes. Egger conseguia ouvi-los a conversar e a rir, e as vozes deles pareceram-lhe simultaneamente estranhas e agradáveis. Pensou na voz de Marie e em como gostava de a ouvir. Tentou lembrar-se da sua melodia e som, mas não foi capaz.

– Se ao menos ainda tivesse a voz dela – disse para si próprio, em voz alta. Depois, deslizou lentamente para a viga seguinte, desceu e foi procurar o rolo de lixa.

Passadas três noites, após um dia frio e molhado a raspar ferrugem dos rebites de uma estação no topo de uma montanha, Egger saltou da traseira do camião e entrou na pensão onde ele e os outros homens estavam alojados. O caminho para o quarto fê-lo passar pela sala da dona, que cheirava a pepino em salmoura. A velhota estava sentada à mesa, sozinha. Tinha os cotovelos em cima do tampo e o rosto escondido nas mãos. À sua frente, estava o grande rádio que, àquela hora, geralmente transmitia charangas em altos berros ou as tiradas furiosas de Adolf Hitler. Desta vez, o

aparelho estava silencioso e Egger ouviu a velhinha a respirar ruidosamente para as mãos.

– Está a sentir-se mal? – perguntou.

A dona da pensão levantou a cabeça e fitou-o. O seu rosto tinha as marcas dos dedos, tiras pálidas às quais o sangue regressou lentamente.

– Estamos em guerra – anunciou ela.

– Quem disse? – perguntou Egger.

– A rádio – respondeu a velhota, lançando um olhar hostil ao aparelho. Egger viu-a levar as mãos à nuca e, com dois gestos rápidos, soltar o carrapito. O cabelo caiu-lhe para o pescoço, comprido e amarelado, como fibras de linho. Por um instante, os ombros tremeram-lhe como se ela estivesse à beira de soluçar; depois, levantou-se, passou por ele, atravessou o corredor e saiu para o ar livre, onde foi acolhida por um gato sujo que se lhe enroscou nos pés durante um momento, antes de desaparecerem ambos ao dobrar da esquina.

Na manhã seguinte, Egger partiu em direção à sua aldeia para se inscrever no serviço militar. A sua decisão não foi motivada por nenhuma reflexão em especial; aconteceu simplesmente, de repente, como um apelo vindo de muito longe, e Egger soube que tinha de o seguir. Fora convocado uma vez, aos dezassete anos, para a junta médica, mas, na época, Kranzstocker protestara, com êxito, argumentando que, se tencionavam arrancar-lhe o querido enteado dos braços (que, por sinal, era o trabalhador mais eficiente da família) para o usar como carne para canhão contra os Italianos ou (pior ainda) contra os comedores de baguetes, mais valia, por Deus, deitarem-lhe fogo à quinta inteira consigo lá dentro. Na altura, Egger ficara secretamente grato ao agricultor: não tinha nada a perder na vida, mas, pelo menos, ainda tinha algo a ganhar. Agora, era diferente.

Como o tempo estava bastante calmo, partiu a pé. Caminhou o dia inteiro, passou a noite num velho celeiro de feno e levantou-se

antes da alvorada. Ouviu o zumbido constante dos fios telefônicos, recém-pendurados ao longo das ruas entre postes estreitos, e viu as montanhas destacarem-se da noite com os primeiros raios de sol, e, embora já tivesse assistido àquele espetáculo milhares de vezes, naquela ocasião deu por si estranhamente comovido. Não se lembrava de alguma vez na vida ter visto algo tão bonito e, simultaneamente, tão aterrador.

A estada de Egger na aldeia foi curta.

– O senhor é demasiado velho. E coxeia – disse o oficial que, juntamente com o presidente da câmara municipal e uma datilógrafa velhinha, constituíam a junta. Ele estava sentado no Bode d'Ouro, a uma das mesas da estalagem coberta por uma toalha branca e decorada com bandeirinhas com suásticas.

– Quero ir para a guerra – disse Egger.

– Acha que a Wehrmacht precisa de uma pessoa como você? – perguntou o oficial. – Quem é que julga que somos?

– Não sejas parvo, Andreas, volta para o teu trabalho – disse o presidente da câmara. E assunto encerrado. A datilógrafa carimbou a folha solitária que constituía o seu dossiê e Egger voltou para os teleféricos.

Passados três anos, em novembro de 1942, Egger postou-se diante da mesma junta, não como voluntário desta vez, mas como recruta. Não fazia ideia de porque é que, afinal, a Wehrmacht subitamente precisaria de uma pessoa como ele; fosse como fosse, parecia que os tempos tinham mudado.

– O que é que sabe fazer? – perguntou o oficial.

– Entendo de montanhas – respondeu Egger. – Sei lixar cabos de aço e abrir buracos na rocha.

– Isso é bom – comentou o oficial. – Alguma vez ouviu falar do Cáucaso?

– Não – disse Egger.

– Não importa – retorquiu o oficial. – Andreas Egger, declaro-o apto para a guerra. É-lhe atribuída a nobre missão de libertar o

Leste!

Egger olhou pela janela. Começara a chover: bátegas grossas batiam na vidraça, escurecendo o restaurante. Pelo canto do olho, viu o presidente da câmara curvar-se devagar sobre a mesa e cravar os olhos no tampo.

Egger passou, ao todo, mais de oito anos na Rússia. Menos de dois meses desse tempo foram na Frente; o resto foi num campo de prisioneiros de guerra, algures na vastidão da estepe a norte do mar Negro. Embora, no início, a sua missão ainda parecesse bastante clara (além de libertar o Leste, também tinha que ver com proteger as reservas de petróleo e defender e conservar as unidades fabris), passados apenas uns dias já não era capaz de dizer ao certo porque é que ali estava, nem em nome de quê ou contra quem estava a lutar. Era como se, naquelas noites negras como breu do inverno caucasiano, em que o fogo de artilharia se abria como flores ardentes sobre os cumes das montanhas no horizonte, lançando a sua luz sobre os rostos dos soldados, temerosos, desesperados ou inexpressivos, qualquer pensamento sobre finalidade, ou falta dela, fosse abafado antes mesmo que o pudessem formular. Egger não questionava nada. Obedecia a ordens e assunto encerrado. Além disso, achava que lhe podia ter calhado um destino muito pior. Umas semanas depois de ter chegado às montanhas, dois camaradas taciturnos que conheciam claramente a região levaram-no, à noite, a um planalto estreito e rochoso, a cerca de quatro mil metros de altitude. Um dos seus superiores explicara-lhe que deveria ali ficar até voltarem a chamá-lo, em primeiro lugar para preparar uma série de buracos de detonação e, em segundo, para proteger o posto avançado e, se necessário, defendê-lo. Egger não fazia ideia de que posto avançado era esse, ou sequer o que seria tal coisa, mas não desgostou da tarefa. Os dois camaradas deixaram-no lá sozinho, com ferramentas, uma tenda, um caixote de mantimentos e a promessa de regressar uma vez por semana com novas provisões, e

Egger instalou-se o mais confortavelmente possível. Durante o dia, abria dezenas de buracos na rocha, o que muitas vezes o obrigava a partir uma espessa camada de gelo, e, à noite, deitava-se na tenda e tentava dormir, apesar do frio cortante. O seu equipamento incluía um saco-cama, dois cobertores, as suas botas de inverno forradas de pelo e o casaco grosso e acolchoado usado pelas tropas de montanha. Também montara a tenda meio dentro de um monte de neve congelada, o que o abrigava um pouco do vento, que muitas vezes uivava tão alto que se sobrepunha ao rugido dos bombardeiros e às explosões abafadas das armas antiaéreas. Porém, nada disto era suficiente para manter o frio ao largo. O gelo parecia infiltrar-se através de todas as costuras, dentro das roupas e debaixo da pele, enterrando as garras em cada fibra do seu corpo. Fazer uma fogueira era proibido e acarretava pena de morte, mas, mesmo que tivesse sido permitido, o planalto ficava demasiado longe do arvoredo e, num raio de quilómetros, não havia um único galho que Egger pudesse ter queimado. Às vezes, acendia o pequeno fogareiro que usava para aquecer a comida enlatada, mas as chamazinhas pareciam troçar dele. Queimavam-lhe as pontas dos dedos e deixavam o resto do corpo ainda mais congelado. Egger temia as noites. Deitava-se enroscado no saco-cama e o frio enchia-lhe os olhos de lágrimas. Às vezes, sonhava: sonhos confusos, carregados de dor e de rostos hediondos que apareciam na tempestade da sua mente e o acoassavam. Uma vez, acordou de um sonho desses, porque achou que uma coisa macia e móvel entrara na tenda e estava espedada a olhar para si. «Que horror!», exclamou baixinho. Esperou que o seu coração se acalmasse, depois saiu do saco-cama e rastejou para fora da tenda. Não havia estrelas no céu, que estava negro profundo. Tudo à sua volta se encontrava envolto em escuridão e silêncio absoluto. Egger sentou-se numa pedra a contemplar a noite. Ouviu novamente o seu coração a bater com força e, nesse momento, percebeu que não estava sozinho. Não sabia de onde vinha essa sensação; só via o negrume noturno e

ouvia o seu batimento cardíaco, mas, algures, pressentia a presença de outro ser vivo. Não fazia ideia de quanto tempo ali estivera sentado diante da sua tenda, a escutar a escuridão, mas, antes de aparecer a primeira faixa pálida de luz sobre as montanhas, já tinha descoberto onde se encontrava a outra criatura. A cerca de trinta metros, do outro lado da ravina que assinalava a orla ocidental do planalto, havia uma formação rochosa espetada na vertente, tão estreita que mal dava para uma cabra se empoleirar. Na rocha, estava um soldado russo, cuja forma rapidamente se tornou distinta à luz crescente da alvorada. Estava simplesmente parado, inexplicavelmente imóvel, a olhar para Egger, que, por sua vez, continuou sentado na sua pedra, sem se atrever a mexer-se. O soldado era jovem e tinha o rosto leitoso de um rapaz da cidade. A testa era lisa e branca como neve, os olhos estranhamente descaídos. Levava a sua arma, uma espingarda cossaca sem baioneta, pendurada ao ombro; a mão direita estava calmamente pousada na coronha. O russo olhou para Egger e Egger olhou para o russo e, à volta deles, não havia nada, a não ser o silêncio de uma manhã de inverno caucasiano. Mais tarde, Egger não seria capaz de dizer qual dos dois se mexera primeiro; um espasmo perpassou o corpo do soldado e, ao mesmo tempo, Egger levantou-se. O russo tirou a mão da coronha da espingarda e limpou a testa com a manga. Depois, virou-se e, rapidamente, agilmente, sem olhar para trás, trepou uns metros e desapareceu entre as rochas.

Egger ficou onde estava, um instante, a pensar. Percebeu que estivera cara a cara com o seu inimigo mortal, contudo, depois de o soldado desaparecer, sentiu a solidão mais intensamente do que nunca.

A princípio, os seus dois camaradas vinham de tantos em tantos dias, como combinado, trazer-lhe mantimentos e, sempre que necessário, um par de meias de lã ou uma nova broca para a rocha, bem como notícias da Frente (as coisas avançavam e recuavam, tinha havido perdas mas também alguns ganhos, ao todo, ninguém

sabia realmente o que estava a acontecer). Passadas umas semanas, porém, as visitas pararam e, no final de dezembro – Egger estava a inscrever os dias numa folha de gelo com a broca e, pelas suas contas, devia ser o dia a seguir ao Natal –, começou a desconfiar de que eles não voltariam. No primeiro de janeiro de 1943, depois de ter decorrido mais de uma semana sem ninguém aparecer, pôs-se a caminho do acampamento, por entre um denso nevão. Seguiu o carreiro que tinham subido havia quase dois meses e ficou aliviado ao ver, pouco depois, o vermelho familiar das suásticas a reluzir. No espaço de segundos, porém, apercebeu-se abruptamente de que as bandeiras espetadas no solo à sua frente para marcar o perímetro do acampamento não eram suásticas e, sim, estandartes da República Socialista Soviética da Rússia. Nesse instante, Egger ficou a dever a sua vida à presença de espírito com que, imediatamente, tirou a espingarda das costas e a atirou para bem longe. Viu a arma desaparecer na neve com uma pancada abafada e, um segundo depois, ouviu os gritos dos guardas a correrem para si. Levantou os braços, deixou-se cair de joelhos e baixou a cabeça. Sentiu um golpe na nuca, caiu para a frente e ouviu vozes russas e cavas a falarem por cima de si como sons incompreensíveis saídos de outro mundo.

Durante dois dias, Egger agachou-se ao lado de dois outros prisioneiros, num engradado de madeira pregado às três pancadas e forrado com feltro. Tinha cerca de um metro e meio de comprimento e de largura, e menos de um metro de altura. Egger passava a maior parte do tempo a espreitar por uma fenda, tentando descortinar pelos movimentos à sua volta alguma pista que indicasse quais eram os planos dos russos e o seu próprio futuro. Quando, finalmente, ao terceiro dia, os pregos foram arrancados da madeira com um grito e uma das paredes de ripas caiu para fora, a luz invernal atingiu-lhe os olhos com tanta intensidade, que temeu nunca mais conseguir abri-los. Passado um pouco, conseguiu; mas aquela sensação de luminosidade penetrante, que parecia encher-lhe de luz ofuscante até as noites, perdurou

muito depois de terminar o seu cativeiro de guerra e só desapareceu de vez anos e anos após o seu regresso a casa.

A transferência para um campo perto de Voroshilovgrad demorou seis dias, que Egger passou entre um grupo de prisioneiros amontoados na traseira de um camião aberto. Foi uma viagem terrível, através de dias frios e noites geladas, sob um céu escuro rasgado por fogo de artilharia, ao longo de campos nevados, brancos e abertos, onde, espetados nos sulcos, se viam os membros hirtos e congelados de pessoas e cavalos. Egger sentou-se na traseira do camião e viu inúmeras cruzes de madeira a ladearem a estrada. Lembrou-se da revista que Marie lhe lera tantas vezes em voz alta e pensou em como a paisagem invernal que descrevia era tão pouco parecida com aquele mundo ferido e aprisionado em gelo.

Um dos prisioneiros, um homem baixo e entroncado, que tentava proteger a cabeça do frio com os farrapos de uma manta de cavalo, disse que as cruzes não eram tão tristes como pareciam; eram apenas sinais a indicar o caminho direto para o Céu. O indivíduo chamava-se Helmut Moidaschl e tinha o riso fácil. Ria-se da neve que lhes fustigava o rosto, ria-se das migalhas duras como tijolos que lhes despejavam de uma saca para a traseira do camião, para eles comerem. Mais valia usarem este pão para construir umas boas casas robustas, dizia ele, e ria-se tão alto que os dois guardas russos faziam coro com ele. Às vezes, dizia adeus às velhinhas que inspecionavam os cadáveres cobertos de neve, à procura de artigos úteis de vestuário ou comida. Quem vai a caminho do Inferno, dizia ele, tem de se rir com os diabos: não custa nada e torna tudo mais suportável.

Helmut Moidaschl foi o primeiro de uma longa lista de pessoas que Egger viu morrer em Voroshilovgrad. Logo na noite em que chegaram, foi tomado por uma febre alta e os gritos dele, abafados pelos farrapos da manta, encheram a caserna durante horas. Na manhã seguinte, encontraram-no morto a um canto, seminu, dobrado pela cintura, com os punhos encostados às têmporas.

Passadas umas semanas, Egger parou de contar os mortos. Eram enterrados numa pequena mata de videiros atrás do campo. A morte pertencia à vida como o bolor ao pão. A morte era uma febre. Era fome. Era uma fenda na parede da caserna e a noite invernal a assobiar através dela.

Egger foi destacado para uma equipa de cerca de uma centena de trabalhadores. Labutavam na floresta ou na estepe, cortavam madeira, construíam muros baixos com pedras dos campos, ajudavam na apanha da batata e enterravam os mortos da noite anterior. No inverno, dormia na caserna com aproximadamente duas centenas de homens. Assim que as temperaturas o permitiam, dormia ao relento, num monte de palha. Desde a noite quente em que alguém acendera a luz elétrica por engano e milhares de insetos tinham reagido descendo do teto, ele preferia dormir ao ar livre.

A notícia do fim da guerra chegou aos ouvidos de Egger numa das latrinas comunitárias. Ele estava sentado numa tábua, por cima da fossa, com um enxame de reluzentes moscas esverdeadas a zumbir à sua volta, quando a porta se abriu de repente e um russo enfiou a cabeça e gritou: «Hitler *kaput!* Hitler *kaput!*» Egger continuou sentado, sem se mexer, e não respondeu, por isso o russo bateu com a porta e foi-se embora, a rir. O seu riso cada vez mais distante ainda se ouviu durante algum tempo lá fora, até ser abafado pelo uivo da sirene da revista de tropas.

Menos de três semanas depois, já Egger se esquecera da euforia do guarda e da esperança que isso despertara dentro de si. A guerra tinha inegavelmente terminado, mas esse facto não teve repercussões visíveis na vida do campo. O trabalho continuou o mesmo, a sopa de milho-miúdo era mais aguada do que nunca e as moscas continuavam a voar, imperturbáveis, em redor das vigas da latrina. Além disso, muitos dos prisioneiros pensavam que o fim da guerra só podia ser temporário. Argumentavam que talvez Hitler estivesse mesmo *kaput*, mas atrás de cada louco havia um louco muito pior à espera nos bastidores e, em última instância, era só

uma questão de tempo até a coisa toda recomeçar.

Numa noite de inverno invulgarmente amena, Egger sentou-se em frente da caserna, embrulhado no cobertor, e escreveu uma carta à sua falecida mulher, Marie. Durante uma operação de limpeza a uma aldeia incendiada, encontrara um pedaço de papel praticamente intacto e um coto de lápis e, lentamente, em grandes letras trémulas, escreveu:

Minha querida Marie,

Escrevo-te da Rússia. Por cá, as coisas não são tão más quanto isso. Há trabalho e alguma comida e, como não há montanhas, o céu é tão vasto que os olhos não o conseguem abranger na totalidade. A única coisa realmente má é o frio. É um frio diferente do da nossa terra. Se ao menos eu tivesse um saquinho de querosene, como aqueles que tinha aos montes naquela época, seria ótimo.

Mas não me quero queixar. Há quem esteja hirto e frio na neve e eu ainda aqui estou a olhar para as estrelas. Talvez também consigas ver as estrelas. Infelizmente, tenho de me ficar por aqui. Escrevo devagar e já está a clarear atrás das colinas.

Teu,

Egger

Dobrou a carta até ficar o mais pequenina possível e enterrou-a aos seus pés. Depois, pegou no cobertor e voltou para dentro da caserna.

Passaram-se quase mais seis anos até a pena de Egger na Rússia chegar ao fim. Não houve aviso prévio da libertação; de manhã cedo, num dia de verão, em 1951, os prisioneiros foram reunidos na praça em frente da caserna, onde os obrigaram a despir-se e a atirar as roupas para uma grande pilha fedorenta. A pilha foi regada com gasolina e ateadada e, enquanto os homens observavam as chamas, o

medo de estarem prestes a ser alvejados, ou pior, inscreveu-se-lhes no rosto. Mas os russos riam-se e falavam todos muito alto e ao mesmo tempo e, quando um deles agarrou num prisioneiro pelo ombro, o puxou para si e começou a conduzir o espetro nu e enfezado numa dança ridícula à volta da fogueira, a maior parte deles começou a perceber que aquela manhã era uma boa manhã.

Com novas peças de roupa e um naco de pão cada um, os homens abandonaram o campo na hora seguinte e puseram-se a caminho, a pé, da estação de comboios mais próxima. Egger tinha-se esgueirado para uma das filas de trás. Mesmo à sua frente ia um rapaz com uns grandes olhos permanentemente assustados, que começou a devorar o pão em dentadas vorazes, assim que partiram. Quando engoliu o último pedaço, virou-se outra vez e olhou para o campo de prisioneiros, que já estava a uns quilómetros de distância deles e mal se via no tremeluzente ar estival. Sorriu e abriu a boca para dizer qualquer coisa, mas o único som que lhe saiu por entre os lábios foi um ruído engasgado e ele começou a chorar. Uivou e soluçou, e as lágrimas e o ranho escorriam-lhe pelas faces sujas em grandes regatos. Um dos homens mais velhos, alto, com uma gadanha branca e uma expressão irritada, aproximou-se do rapaz, envolveu-lhe os ombros trémulos com um braço e mandou-o parar de chorar, primeiro porque só servia para encharcar o colarinho e, depois, porque chorar era contagioso como febre equina e a peste bubónica juntas e não lhe apetecia fazer a viagem de dois mil quilómetros até casa rodeado por velhinhas choramingonas. Além disso, convinha guardar as lágrimas para quando chegasse ao destino, porque lá teria ainda mais motivos para chorar. O rapaz parou de choramingar e, durante muito tempo, Egger, que caminhava dois passos atrás, ouviu os sons secos que ele fazia ao engolir as lágrimas e as últimas migalhas de pão.

Quando regressou à sua terra, Egger começou por viver atrás do novo edifício da escola, numa arrecadação de madeira que as autoridades locais, com o apoio benevolente do presidente da câmara, lhe cederam. Nessa época, o presidente já não era nazi; voltou a haver gerânios pendurados nas janelas em vez de suásticas e, noutros aspetos também, havia muitas coisas na aldeia que tinham mudado. A estrada estava mais larga. Os veículos motorizados passavam com estrépito muitas vezes ao dia, amiúde a intervalos bastante curtos, e os camiões fedorentos e fumarentos, uns velhos monstros a *diesel*, eram cada vez mais raros entre eles. Automóveis reluzentes de todas as cores precipitavam-se desde o cimo do vale, despejando excursionistas, caminhantes e esquiadores na praça da aldeia. Muitos dos agricultores arrendavam quartos a hóspedes, e as galinhas e os porcos tinham desaparecido de quase todos os quintais. No lugar deles, encontravam-se agora esquis e bastões de caminhada, e os currais cheiravam a cera em vez de a galinha e a caca de porco. O Bode d'Ouro ganhara concorrência. Todos os dias, o dono do Bode se enervava por causa da estalagem Mitterhofer, que fora recentemente construída do outro lado da rua, com a sua resplandecente fachada verde-lima e o letreiro por cima da porta a oferecer brilhantes palavras de boas-vindas. Odiava o velho Mitterhofer. Era incapaz de perceber como é que um agricultor e criador de gado de repente tivera a ideia de pôr de lado o seu forcado e albergar turistas em vez de vacas. «Um agricultor é um agricultor e nunca será um estalajadeiro!», disse. Secretamente, porém, teve de admitir que a concorrência não era má para o negócio: pelo contrário, dava-lhe um novo alento. Quando acabou por morrer, no final dos anos 60, já velhote e desmiolado, conseguiu deixar à sua filha única, além do Bode d'Ouro, mais três pensões, vários hectares de terra, o *bowling* por baixo dos estábulos da antiga quinta dos Loidolt e ações em dois teleféricos de cadeiras, o que fez daquela mulher que já passara há muito dos quarenta, solteirona e bastante casmurra, um dos partidos mais cobiçados do

vale.

Egger aceitou todas estas mudanças com silencioso espanto. À noite, ouvia ao longe o ranger metálico dos postes de sinalização nas encostas – ou pistas, como lhes chamavam agora – e, de manhã, acordava muitas vezes com o clamor das crianças da escola por detrás da parede à qual encostava a cabeceira da sua cama. O barulho parava abruptamente, assim que o professor entrava na sala. Ele lembrava-se da sua própria infância, dos seus poucos anos de escola, que, na altura, pareciam estender-se sem fim diante de si e, agora, se lhe afiguravam tão breves e fugazes como uma piscadela de olho. No geral, o tempo desconcertava-o. O passado parecia curvar-se em todas as direções e, na memória, a sequência dos acontecimentos tornava-se confusa, ou reformulava-se constantemente e reavaliava-se de maneiras peculiares. Passara muito mais tempo na Rússia do que com Marie, no entanto, os anos no Cáucaso e em Voroshilovgrad pareciam só um nadinha mais longos do que os seus últimos dias com ela. O tempo que trabalhara para os teleféricos reduziu-se, em retrospectiva, a uma só temporada, enquanto sentia que tinha passado metade da vida pendurado na canga dos bois a olhar para o chão, com o traseiro branco espetado para o céu do entardecer.

Umás semanas depois do seu regresso, Egger cruzou-se com o velho Kranzstocker. Estava sentado em frente da sua quinta, num periclitante banco de ordenha, e Egger cumprimentou-o ao passar. Kranzstocker levantou lentamente a cabeça: demorou um pouco a reconhecer Egger.

– Tu – disse ele, numa voz anciã e crocitante. – Tu, logo tu!

Egger deteve-se e fitou o velhote, ali sentado, curvado, que o perscrutava com uns olhos amarelos. As mãos nos joelhos eram magras como gravetos; a boca pendia, entreaberta, e parecia completamente desdentada. Egger tinha ouvido dizer que dois dos filhos dele não tinham regressado da guerra e que, na sequência

disso, ele tentara enforcar-se na porta da despensa. A madeira quebradiça não aguentara o peso e Kranzstocker sobrevivera. A partir daí, o velho agricultor passava os dias a ansiar pela morte. Via a Morte agachada em cada canto e, todas as noites, convenciam-se de que o descanso eterno desceria sobre si com a escuridão. Mas acordava sempre no dia seguinte, ainda mais maldisposto, mais apático, mais corroído pelo seu desejo do que antes.

– Chega aqui – disse ele, espetando a cabeça para a frente, como uma galinha. – Deixa-me ver a tua cara! – Egger deu um passo em direção a ele. As faces do velhote estavam encovadas e o cabelo, que antes era negro reluzente, agora pendia-lhe do crânio, branco e ralo como teias de aranha. – Em breve, vai ser o meu fim, a Morte não deixa ninguém escapar – disse ele. – Todos os dias, ouço-a a dobrar a esquina, mas, de todas as vezes, é sempre só uma das vacas do vizinho ou um cão, ou a sombra de outra criatura rastejante. – Egger manteve-se imóvel, como se tivesse criado raízes. Por um instante, sentiu que era novamente uma criança e teve medo de que o velhote se levantasse e erguesse tão alto como uma montanha. – E, hoje, és tu – continuou o agricultor. – Uma pessoa como tu dobra a esquina, enquanto outras já não aparecem em lado nenhum. Para tu veres o que a justiça é. Em tempos, fui o Kranzstocker, e agora olha para mim, o que me tornei: um monte de ossos podres, que só não se desfazem em pó porque ainda têm um restinho de vida dentro deles. Toda a vida andei de costas direitas, só baixava a cabeça perante o Senhor e mais ninguém. E como é que o Senhor me agradece? Tirando-me dois dos meus filhos. Arrancando-me do corpo a carne da minha carne e o sangue do meu sangue. E como nem isso lhe chega, o filho da mãe, como ainda não sugou a última gota de vida a um velho agricultor como eu, deixa-me estar aqui sentado, à porta da minha quinta, todos os dias, de manhã até à noite, à espera da Morte. Por isso aqui me sento, gastando o meu traseiro até ao osso, mas as únicas coisas que dobram a esquina são umas vacas e umas sombras e tu... tu, logo tu!

Kranzstocker baixou os olhos para as mãos, para os dedos magros e malhados. A respiração saía-lhe ofegante, com um discreto ruído áspero. De repente, levantou a cabeça e, ao mesmo tempo, uma das mãos disparou-lhe do colo e agarrou no antebraço de Egger.

– Podes fazê-lo agora! – gritou, com a voz a tremer, agitada. – Podes bater-me agora! Bate-me, ouviste? Imploro-te, bate-me! Por favor, bate-me até à morte! – Egger sentiu os dedos do velhote enterrarem-se-lhe no braço e um medo gelado apoderou-se-lhe do coração. Soltou-se e deu um passo atrás. Kranzstocker deixou cair a mão e ficou parado, silenciosamente, com os olhos novamente fixos no chão. Egger virou-se e foi-se embora.

Enquanto caminhava ao longo da rua que terminava mesmo atrás da aldeia, sentiu uma estranha sensação de vazio no estômago. No fundo, tinha pena do velho agricultor. Pensou no banco de ordenha e desejou que ele pudesse ter uma cadeira e um cobertor quente e, ao mesmo tempo, desejou que ele pudesse ter a morte. Percorreu o carreiro estreito que subia a montanha até ao Pichlersenke. Aí em cima, o solo era macio e a erva curta e escura. Gotas de água tremiam nas pontas das hastes, fazendo com que todo o prado brilhasse como se estivesse pejado de contas de vidro. Egger admirou aquelas gotinhas trémulas que se agarravam com tanta tenacidade às hastes de erva, para depois caírem e se infiltrarem na terra ou se dissolverem no ar, reduzindo-se a nada.

Foi só passados muitos anos que Kranzstocker encontrou alívio, num dia de outono no final dos anos 70, sentado como uma sombra a ouvir rádio no quarto. Para conseguir discernir alguma coisa, tinha debruçado o corpo para cima da mesa e encostado o ouvido esquerdo ao altifalante. Quando o locutor anunciou que o programa seguinte seria um concerto de uma banda de metais, o velhote soltou um grito súbito, bateu com o punho várias vezes nas costelas e, por fim, caiu da cadeira, morto e mais que morto, ao som do

ritmo metálico da música.

Durante o funeral, choveu a cântaros. A estrada foi inundada por lama até aos tornozelos e a procissão fúnebre teve de avançar muito lentamente. Egger, que por essa altura já tinha, ele próprio, mais de setenta anos, caminhou atrás. Pensou no agricultor, que se entretivera a vida inteira a arrancar-lhe a felicidade através de sovas. Iam a passar diante do pequeno restaurante que costumava ser a quinta dos Achmandl, quando se ouviu o riso de uma criança, sonoro e com uma notável limpidez. Uma das janelas estava entreaberta e a tremeluzir intensamente. O filho pequeno do dono estava sentado na sala, diante de um enorme televisor, com o rosto quase colado ao ecrã. O reflexo das imagens dançava-lhe na testa; ele segurava na antena com uma mão e batia nas coxas com a outra, enquanto se ria. Ria-se com tanto gosto que, através da cortina de chuva, Egger conseguia distinguir as gotas reluzentes de cuspo que salpicavam o aparelho. Teve vontade de parar e ficar ali, encostar a testa à janela e rir-se a par com o menino. Mas a procissão fúnebre seguiu caminho, escura e silenciosa. Egger viu à sua frente os ombros curvados dos enlutados e a chuva a correr por eles abaixo em regatozinhos. À cabeça da procissão, o carro funerário balouçava como um barco na escuridão crescente, enquanto o riso da criança esmorecia gradualmente atrás deles.

Embora ao longo da vida Egger tivesse pensado na ideia, acabara por nunca comprar um televisor. Normalmente não tinha dinheiro ou espaço ou tempo e, fosse como fosse, tinha a sensação de que, em termos gerais, lhe faltavam todos os pré-requisitos necessários para um investimento daqueles. Por exemplo, mal conseguia arranjar energia para fazer como as outras pessoas e passar horas especado a olhar para o ecrã tremeluzente, algo que, intimamente, estava convencido de que, a longo prazo, poderia danificar os olhos e estupidificar o cérebro. Dito isto, a televisão brindou-o com dois momentos que o impressionaram muito e que,

anos depois, ele arrancaria repetidamente das profundezas da sua memória, relembrando-os com um curtos choques de prazer. O primeiro foi uma noite, na sala das traseiras do Bode d'Ouro, onde um televisor *Imperial* novinho em folha se encontrava há algum tempo. Egger não ia à estalagem havia meses e, por conseguinte, ficou surpreso quando, ao entrar, foi assolado por vozes televisivas metálicas sobrepostas a um zumbido de eletricidade estática, em vez do habitual murmúrio de bar. Dirigiu-se para as traseiras, onde sete ou oito pessoas estavam dispersas por mesas diferentes, espcadas a olhar, hipnotizadas, para um aparelho do tamanho de um armário. Pela primeira vez na vida, Egger viu as imagens de televisão de perto. Moviam-se diante dos seus olhos com uma facilidade mágica, trazendo para a abafada sala dos fundos do Bode d'Ouro um mundo que, até ali, ele desconhecia completamente. Viu casas estreitas e altas, com telhados espetados para o céu como pingentes de gelo invertidos. Confetes nevavam das janelas e as pessoas nas ruas riam-se, gritavam, atiravam os chapéus ao ar e, em geral, pareciam loucas de alegria. Antes que Egger pudesse digerir tudo o que via, o ecrã desfez-se como que atingido por uma explosão silenciosa e, menos de um segundo depois, refez-se, exibindo uma cena completamente diferente. Homens de camisa de manga curta e macacões de operário estavam sentados em bancos de madeira, a ver uma menina morena, de cerca de dez anos, ajoelhada numa jaula a afagar a juba de um leão que se encontrava estendido aos seus pés. O animal bocejou e viu-se-lhe o interior da boca, com vários fiozinhos de saliva entrecruzados. O público aplaudiu, a menina enroscou-se no corpo do leão e, por um instante, pareceu prestes a desaparecer no meio da juba dele. Egger riu-se. Fê-lo por embaraço, porque não fazia ideia de como é que uma pessoa se devia comportar em frente da televisão, na presença de terceiros. Teve vergonha da sua ignorância. Sentiu-se uma criança a observar as atividades incompreensíveis dos adultos: era tudo interessante, mas nada

parecia ter nada que ver consigo pessoalmente.

E depois, viu uma coisa que o comoveu até às profundezas do seu coração. Uma rapariga saía de um avião. Não era uma mulher qualquer que descia a escada estreita até à pista; era a criatura mais bela que Egger já vira na vida. Chamava-se Grace Kelly, um nome que, aos seus ouvidos, pareceu estranho e escandaloso, mas, ao mesmo tempo, dava a sensação de ser o único realmente adequado. Envergava um casaco curto e acenava para uma multidão que se reunira no aeroporto. Um punhado de repórteres precipitou-se e, enquanto ela respondia às perguntas ofegantes, o sol banhou-lhe o cabelo louro e o pescoço esguio e liso. Egger estremeceu só de pensar que aquele cabelo e aquele pescoço não eram uma ilusão, que algures no mundo existiria alguém que lhes tocara com os dedos, que talvez até os tivesse acariciado com a mão toda. Grace Kelly acenou outra vez, rindo-se com uma boca escura e aberta. Egger levantou-se e saiu da estalagem. Durante uns momentos, deambulou pelas ruas da aldeia até se sentar finalmente nos degraus da entrada da capela. Cravou os olhos no chão, polido por inúmeras gerações de pecadores, e esperou que o coração parasse de lhe martelar no peito. O sorriso de Grace Kelly e a tristeza dos olhos dela tinham alvoroçado as suas emoções e ele não compreendia o que estava a sentir. Ficou sentado durante um longo momento, até que, depois de a escuridão cair, se apercebeu do frio e voltou para casa.

Isso aconteceu no final dos anos 50. Foi só muito mais tarde, no verão de 1969, que Egger teve um segundo encontro com a televisão – que, na maior parte das casas, já constituía, por essa altura, o foco central e o principal objetivo quando as famílias se reuniam à noite – que causou uma profunda impressão nele, embora de uma maneira completamente diferente. Desta vez, estava sentado com quase uma centena e meia de aldeões, no salão do novo edifício paroquial, a ver dois jovens americanos caminharem na Lua pela primeira vez. Fez-se um silêncio tenso na sala durante a

transmissão quase toda, mas, assim que Neil Armstrong pôs o pé na superfície poeirenta da Lua, toda a gente desatou aos vivas e, pelo menos durante uns momentos, foi como se uma espécie de fardo tivesse caído dos ombros pesados dos agricultores. Depois, houve cerveja gratuita para os adultos e sumo e *Krapfen* para as crianças, e um membro da junta paroquial fez um pequeno discurso sobre as conquistas tremendas que tornavam aquelas maravilhas possíveis e que, provavelmente, levariam a humanidade sabia-se lá aonde. Egger aplaudiu como todos os presentes. Enquanto as aparições fantasmagóricas continuavam a mover-se dentro do televisor diante deles – os Americanos que, incompreensivelmente, estavam naquele momento bem alto por cima das cabeças deles, a passearem na superfície da Lua –, Egger sentiu-se misteriosamente próximo e ligado aos aldeões ali em baixo, na Terra escurecida, numa sala da paróquia que ainda cheirava a argamassa.

No próprio dia em que regressara da Rússia, Egger fora direito às instalações da firma Bittermann & Filhos. Bastaria ter perguntado a alguém, antes de se pôr a caminho, para ter evitado uma deslocação inútil. A caserna já não existia. O recinto fora desmantelado. Aqui e ali, um retalho de betão ou uma viga de madeira coberta de ervas daninhas mostrava que, em tempos, ali tinham vivido e trabalhado pessoas. Pequenas flores brancas despontavam agora no lugar onde antigamente o gerente se sentava à sua secretária.

Na aldeia, Egger descobriu que a empresa tinha ido à falência logo a seguir à guerra. Os últimos trabalhadores foram dispensados um ano antes, quando a firma respondeu ao apelo – por essa altura, desesperado – da Pátria e, em vez de vigas de aço e guinchos de cabo duplo, passou a fabricar armas. O velho Bittermann, um patriota fervoroso que, na Primeira Guerra Mundial, tinha deixado um antebraço e uma lasca da maçã direita do rosto numa trincheira na Frente Ocidental, concentrou-se na manufatura de canos de carabina e articulações esféricas para carros de assalto. As

articulações eram fiáveis, mas uma parte da câmara entortava se fosse sujeita a temperaturas muito altas, o que resultou numa série de terríveis acidentes na Frente e acabou por levar o velho Bittermann a convencer-se de que tinha a sua quota-parte de responsabilidade na perda da guerra. Matou-se com um tiro, num bosque atrás de casa, com a velha espingarda de caça do pai, para jogar pelo seguro. Quando o guarda-florestal encontrou o corpo debaixo de uma enfezada macieira silvestre, uma chapa de metal com a data 23.11.1917 inscrita reluziu na sua direção, dentro do crânio estilhaçado.

Os teleféricos eram agora construídos e geridos por outras empresas, mas, sempre que Egger se candidatava a um cargo, mandavam-no embora. Já não tinha um perfil adequado, diziam. Os poucos anos depois da guerra tinham sido suficientes para que muitos dos velhos procedimentos fossem atualizados e era por isso que, infelizmente, no mundo da engenharia dos transportes modernos, já não havia lugar para um homem como ele.

À noite, em casa, Egger sentava-se na beira da cama e olhava para as mãos. Jaziam-lhe no colo, pesadas e escuras como a terra de um pântano. A pele parecia curtida e sulcada como a de um animal. Os muitos anos nas rochas e na floresta tinham deixado cicatrizes e cada uma dessas cicatrizes poderia ter contado uma história de azar, esforço ou sucesso, se Egger fosse capaz de se lembrar delas. Desde a noite em que escavara a neve à procura de Marie, as suas unhas eram quebradiças e encravadas. A unha de um dos polegares ficara negra e tinha uma pequena amolgadela no meio. Egger aproximou as mãos do rosto e observou a pele, que nalguns pontos parecia linho amarrotado. Viu os calos nas pontas dos dedos e os altos nodosos nos punhos. Sujidade, que nem uma escova de cavalo nem um sabão forte conseguia eliminar, instalara-se nos sulcos e dobras. Egger viu o padrão das veias debaixo da pele e, quando levantou as mãos para a meia-luz da janela, apercebeu-se de que tremiam ligeiramente. Eram as mãos de um velho. Deixou-as cair.

Durante uns tempos, Egger viveu dos pagamentos de desmobilização destinados aos veteranos de guerra. Porém, como o dinheiro mal chegava para as necessidades básicas, deu por si obrigado a aceitar todo o tipo de trabalhos temporários, como fizera em jovem. Tal como nessa altura, foi trabalhar para caves e no meio do feno, carregou sacas de batatas, labutou nos campos e limpou as poucas estrebarias e pocilgas que restavam. Ainda conseguia acompanhar o ritmo dos colegas mais novos e, nalguns dias, pedia-lhes para lhe empilharem nas costas um impressionante monte de feno com três metros de altura, que ele transportava lentamente colina abaixo, cambaleando, através dos pastos íngremes. Mas, à noite, caía na cama convencido de que nunca mais se conseguiria levantar sem ajuda. A perna defeituosa estava agora praticamente dormente na zona do joelho e, sempre que virava a cabeça um centímetro para o lado, uma dor acutilante na nuca descia-lhe como um fio ardente pelo braço até às pontas dos dedos, obrigando-o a deitar-se de barriga para cima e a esperar, imóvel, que o sono chegasse.

Numa manhã de verão do ano de 1957, Egger arrastou-se para fora da cama muito antes de nascer o Sol e foi lá fora. As dores tinham-no acordado e o exercício no ar fresco da noite aliviou-o. Meteu pelo Geissensteig, o carreiro das cabras, através dos prados que curvavam suavemente ao luar, e deu a volta aos dois pedaços de rocha que se empinavam no solo como os dorsos de animais a dormir. Por fim, depois de caminhar durante quase uma hora em terreno cada vez mais difícil, chegou às formações rochosas mesmo abaixo do Klufterspitze. Por essa altura, já o dia se anunciara e, ao longe, os picos cobertos de neve começavam a reluzir. Egger preparava-se para se sentar com o seu canivete para cortar um pedaço de couro rasgado da sola do sapato, quando um velhote saltou de trás de uma rocha e se aproximou, de braços esticados.

– Meu caro, caro senhor! – gritou. – É um ser humano de carne e osso, não é?

– Julgo que sim – disse Egger, e viu uma segunda figura, uma velhinha, sair tropegamente detrás da rocha. Pareciam ambos miseráveis, confusos e tremiam de exaustão e frio.

O homem preparava-se para correr para Egger, quando viu o canivete na mão dele e se deteve.

– Não nos vai matar, pois não? – perguntou, horrorizado.

– Deus do céu, tende piedade de nós – murmurou a mulher atrás dele.

Egger guardou o canivete sem falar e olhou em cheio para os dois velhinhos, que o fitaram de olhos arregalados.

– Meu caro senhor – repetiu o homem; parecia estar à beira das lágrimas. – Andámos a noite toda às voltas neste lugar onde não há nada a não ser pedras!

– Nada, a não ser pedras! – corroborou a mulher.

– Mais pedras do que estrelas no céu!

– Deus do céu, tende piedade de nós.

– Perdemo-nos.

– Para onde quer que olhássemos, só víamos noite fria e escura!

– E pedras! – acrescentou o velhote, que acabou mesmo por verter um par de lágrimas que lhe escorreram pelas faces e pelo pescoço, uma atrás da outra. A mulher olhou para Egger com uma expressão de súplica.

– O meu marido estava prestes a deitar-se para morrer.

– Somos os Roskovics – explicou o velhote – e estamos casados há quarenta e oito anos. Quase meio século. Depois de tanto tempo, sabemos o que temos um no outro e o que representamos um para o outro. Percebe, meu senhor?

– Nem por isso – disse Egger. – E não me trate por senhor. Mas posso levar-vos lá para baixo, se quiserem.

Quando chegaram à aldeia, o Sr. Roskovics insistiu em estreitar o relutante Egger contra o peito.

– Obrigado! – disse, profundamente comovido.

– Sim, obrigada! – ecoou a mulher.

– Obrigado! Obrigado!

– Sim, está bem – respondeu Egger, recuando. No caminho que descia do Klufterspitze, a ansiedade e o desespero do casal desapareceram rapidamente e, quando os primeiros raios de sol lhes aqueceram o rosto, o cansaço também pareceu evaporar-se subitamente. Egger ensinara-lhes a chupar o orvalho matinal da erva da montanha para saciarem a sede e eles tinham caminhado atrás de si a palrar como crianças durante praticamente todo o caminho.

– Queríamos perguntar-lhe – disse Roskovics – se nos poderia mostrar alguns trilhos. Parece conhecer a região como se fosse o seu quintal.

– Para pessoas como nós, uma excursão deste tipo nas montanhas não é fácil! – concordou a mulher.

– Só durante um par de dias. Subir e descer a montanha. Estamos dispostos a pagar; não queremos que fique com uma má impressão. Então... que nos diz?

Egger pensou nos dias que tinha pela frente. Havia uns quantos metros de lenha para partir e um campo de batatas que deslizara com a chuva e precisava de ser novamente arado. A ideia das pegadas do arado nas suas mãos apavorou-o. Ao fim de poucas horas, começavam a queimar como brasa debaixo dos dedos; nem os calos mais duros serviam de proteção.

– Está bem – disse ele. – Acho que pode resultar.

Durante uma semana inteira, Egger guiou os dois velhotes ao longo de carreiros cada vez mais difíceis e mostrou-lhes a beleza da região. O trabalho deu-lhe prazer. Caminhar nas vertentes era uma coisa fácil para si e o ar da montanha afastava-lhe os pensamentos soturnos da cabeça. Havia também, na sua opinião, uma agradável falta de conversa, por um lado porque não existia muito sobre o que falar e, por outro, porque o casal atrás de si estava demasiado ofegante para arrancar palavras desnecessárias dos seus pulmões discretamente assobiantes.

Quando a semana chegou ao fim, os dois despediram-se dele com um efusivo adeus e o Sr. Roskovics espetou duas notas no bolso do casaco de Egger. Ele e a mulher estavam assumidamente emocionados quando finalmente se enfiaram no carro e rumaram a casa, desaparecendo ao longo de uma estrada ainda coberta por uma espessa camada de neveiro matinal.

Egger gostara daquele seu novo trabalho. Pintou um letreiro que lhe pareceu conter as informações essenciais e, ao mesmo tempo, ser suficientemente interessante para convencer os turistas a contratarem os seus serviços, postou-se mesmo ao lado da fonte da praça da aldeia e esperou.

Se gosta de montanhas,
Eu sou o homem certo para lhas mostrar.

Praticamente com uma vida inteira de experiência com e na
Natureza, ofereço:
Caminhadas com ou sem bagagem
Excursões (meio dia ou dia inteiro)
Montanhismo
Passeios nas montanhas (para cidadãos da terceira idade, pessoas
deficientes e crianças)
Visitas guiadas em todas as estações (segundo as condições
meteorológicas)
Nascer do Sol garantido para os madrugadores
Pôr do Sol garantido (só no vale, porque é demasiado perigoso na
montanha)

Sem perigo de vida e sem risco para o corpo!

(O preço é negociável,
Mas não é caro)

O letreiro causou claramente boa impressão, porque o negócio começou logo a correr bem, de tal maneira que Egger nem teve necessidade de voltar para o seu antigo trabalho como faz-tudo. Tal como antes, levantava-se frequentemente quando ainda era de noite, mas agora, em vez de sair para os campos, subia à montanha e via o Sol nascer. No reflexo dos primeiros raios de luz, os rostos dos turistas pareciam reluzir por dentro e Egger percebia que estavam felizes.

No verão, as suas excursões iam, amiúde, muito para lá dos cumes das montanhas mais próximas, enquanto, no inverno, se confinavam a caminhadas mais curtas, que, com as largas botas de neve, eram pouco menos cansativas. Egger ia sempre à frente do grupo, atento a potenciais perigos e aos turistas que arquejavam atrás de si. Gostava daquelas pessoas, mesmo se algumas tentavam explicar-lhe o mundo ou se comportavam como idiotas noutro sentido qualquer. Sabia que, durante uma caminhada de duas horas a subir, se não antes, a arrogância delas se evaporaria juntamente com o suor nas suas cabeças quentes, até não sobrar nada, a não ser a gratidão por terem conseguido chegar ao fim e um cansaço entranhado nos ossos.

Às vezes, passava pelo seu antigo terreno. Ao longo dos anos, tinham-se acumulado pedras no lugar onde em tempos se erguera a sua casa, formando uma espécie de banco de terra. No verão, papoilas brancas brilhavam entre os aglomerados de pedra e, no inverno, as crianças saltavam por cima deles com os seus esquis. Egger via-as a descer a vertente a toda a velocidade, descolando com um grito e voando por um instante, até aterrarem destramente ou irem aos trambolhões por entre a neve como bolas de cores garridas. Lembrou-se da soleira onde ele e Marie se tinham sentado tantos serões e do pequeno portão de madeira com o gancho simples que fizera com um comprido prego de aço. Depois da avalanche, o portão desaparecera, como tantas outras coisas que nunca mais voltavam a aparecer depois de a neve fundir. Sumiam

simplesmente, como se nunca tivessem existido. Egger sentiu a tristeza inundar-lhe o coração. Pensou que ela poderia ter feito tantas mais coisas na vida, provavelmente muitas mais do que ele conseguia imaginar.

Geralmente, Egger não falava durante as caminhadas. «Quando alguém abre a boca, fecha os olhos», dizia Thomas Mattl, e Egger era da mesma opinião. Em vez de falar, preferia ouvir as pessoas, cujas conversas ofegantes lhe revelavam os segredos de outros destinos e opiniões. As pessoas iam às montanhas claramente em busca de algo que acreditavam ter perdido havia muito tempo. Ele nunca conseguiu perceber ao certo o que era, mas, ao longo dos anos, foi-se convencendo de que os turistas avançavam pela montanha fora, não tanto atrás dele, mas atrás de um qualquer anseio obscuro e insaciável.

Uma vez, durante uma curta pausa no cume do Zwanzigerkogel, um rapaz agarrou-lhe nos ombros, a tremer de emoção, e gritou-lhe:

– Não vê como isto é lindo?!

Egger olhou para o rosto do homem, deformado de beatitude, e respondeu:

– Sim, mas vai chover daqui a nada e, quando a terra começar a deslizar, bem pode esquecer a beleza.

Na sua carreira de guia de montanha, Egger só esteve uma vez à beira de perder um turista. Foi num dia de primavera, no final dos anos 60; o inverno regressara durante a noite e Egger quis levar um grupinho ao longo da rota panorâmica acima do novo teleférico de quatro cadeiras. Quando iam a atravessar o passadiço sobre a ravina Häusler, uma senhora gorda escorregou na madeira molhada e desequilibrou-se. Egger ia mesmo à frente dela; pelo canto do olho, viu-a a abanar os braços e uma das pernas ergueu-se como se tivesse sido puxada para cima por um fio invisível. A ponte ficava a uma altura de vinte metros. Quando se precipitou para ela, manteve os olhos fixos no rosto da senhora, que se inclinava cada vez mais para trás como que atingida por um profundo espanto. Ouviu a

madeira gemer quando ela aterrou de costas. No último instante, antes que ela escorregasse pela borda fora e caísse no abismo, ele conseguiu agarrar-lhe num dos tornozelos com a mão e, enquanto se admirava com a macieza inesperada da pele debaixo dos seus dedos, a outra mão pegou-lhe na manga e ele puxou-a para cima da ponte, onde ela ficou imóvel, aparentemente a contemplar as nuvens com pasmo.

– Foi por um triz, não foi? – disse ela. Agarrou na mão de Egger, encostou-a à sua face e sorriu. Egger fez que sim com a cabeça, chocado. A pele da face dela estava húmida. Sentiu um estremecimento praticamente impercetível sob a palma da mão e o contacto pareceu-lhe um nadinha indecoroso. Lembrou-se de uma experiência da sua infância, quando tinha cerca de onze anos. O agricultor tirara-o da cama a meio da noite para ele o ajudar no parto de um vitelo. A vaca estava há horas em trabalho de parto, andando, irrequieta, às voltas e esfregando o focinho na parede até sangrar. Finalmente, soltou um ruído abafado e deitou-se de lado na palha. À luz trémula do candeeiro de querosene, o pequeno Egger viu-a revirar os olhos e um muco viscoso escorrer-lhe da racha. Quando as patas dianteiras do vitelo apareceram, o agricultor, que estivera sentado o tempo todo no seu banco, em silêncio, levantou-se e arregaçou as mangas. Mas o vitelo não se voltou a mexer e a vaca manteve-se deitada, muito sossegada. Subitamente, ergueu a cabeça e começou a urrar. Um som que encheu o coração de Egger de horror frio.

– Está morto! – disse o agricultor e, juntos, arrancaram o vitelo de dentro do corpo da mãe. Egger segurou no pescoço. A pele era macia e molhada e, por um breve instante, julgou sentir uma pulsação, um latejar solitário debaixo dos seus dedos. Susteve a respiração, mas não aconteceu mais nada, e o agricultor levou o corpo inerte para o ar livre. Lá fora, o dia já estava a raiar. O pequeno Egger ficou parado no estábulo, limpou o chão, esfregou a pele da vaca com palha e pensou no vitelo, cuja vida durara apenas

o tempo de uma batida do coração.

A senhora gorda sorriu.

– Acho que não parti nada – disse. – Dói-me um bocado a coxa, mas é só isso. Agora, nós os dois podemos descer até ao vale a coxear lado a lado.

– Não – retorquiu Egger, e levantou-se. – Cada um de nós coxeia sozinho!

Desde a morte de Marie, de tempos a tempos Egger carregava mulheres turistas trapalhonas de um lado ao outro de um regato de montanha, ou conduzia-as pela mão sobre uma formação rochosa escorregadia, mas, tirando isso, nunca tocara numa mulher, a não ser fugazmente. Custara-lhe tanto adaptar-se novamente à vida que em circunstância alguma queria abandonar a calma que se instalara dentro de si ao longo dos anos. Analisadas bem as coisas, ele praticamente não conseguira compreender Marie e todas as outras mulheres constituíam um mistério ainda maior para ele. Não sabia o que elas queriam ou deixavam de querer, e muito do que diziam e faziam na sua presença baralhava-o, irritava-o ou provocava-lhe uma espécie de rigidez interior de que tinha muita dificuldade em libertar-se. Numa ocasião, uma das trabalhadoras sazonais espetou o corpo pesado, com o seu cheiro a cozinha, contra ele no Bode d'Ouro e sussurrou-lhe palavras pegajosas ao ouvido que o deixaram tão nervoso, que saiu a correr da estalagem sem pagar a sopa e passou metade da noite a calcorrear as encostas geladas para se acalmar.

Havia, amiúde, momentos como esse, que tinham o condão de o alvoroçar, mas, de ano para ano, foram escasseando e acabaram por cessar completamente. Não ficou descontente com isso. Tinha tido um amor e perdera-o. Nada de comparável lhe voltaria a acontecer na vida; para Egger, isso era um dado adquirido. A luta com a luxúria, que ainda o atormentava de vez em quando, era uma luta que ele tencionava travar consigo próprio, sozinho, até ao fim.

No início dos anos 70, porém, Andreas Egger teve outro encontro que, pelo menos durante uns breves dias de outono, entrou em conflito com o seu desejo de passar o resto da vida sozinho. Recentemente, reparara que o ambiente na sala de aulas atrás da parede do seu quarto tinha mudado. A habitual gritaria das crianças tornara-se mais ruidosa e, quando tocava a campainha do intervalo, os seus gritos e vivas de alívio pareciam carecer de toda e qualquer inibição. O motivo da recém-adquirida e sonora autoconfiança dos alunos era claramente a reforma do mestre-escola da aldeia, um homem que passara a maior parte da vida a tentar incutir pelo menos os princípios básicos de leitura e aritmética nas cabeças preguiçosas de gerações de filhos de agricultores, a maior parte dos quais nunca pensava além do aqui e agora; quando era necessário, recorria à ajuda de um bordão que ele próprio fabricara com um rabo de boi. No final da sua derradeira aula, o velho professor abriu a janela, despejou a caixa com os restos de pau de giz para cima do canteiro de rosas e virou as costas à aldeia nesse mesmo dia. Os membros do conselho local ficaram consternados, especialmente porque teriam dificuldade em encontrar um substituto, da noite para o dia, que tivesse vontade de fazer carreira rodeado de manadas de vacas e esquiadores. Arranjaram uma solução na pessoa de Anna Holler, uma professora do vale vizinho que se reformara havia muitos anos e que, com discreta gratidão, aceitou a proposta de preencher a vaga na escola. As ideias de Anna Holler sobre educação eram diferentes das do seu predecessor. Confiava nas capacidades de desenvolvimento inatas das crianças e pendurou o velho rabo de boi lá fora, na parede da escola, onde mirrou com os anos e se tornou um suporte para hera.

Egger, contudo, desaprovava a nova pedagogia. Uma manhã, levantou-se e foi à porta ao lado.

– Desculpe-me, mas isto é barulho a mais. Um homem precisa de paz e sossego.

– Mas quem é o senhor?

– Chamo-me Egger e vivo na casa ao lado. A minha cama deve ficar aqui, mesmo por trás do quadro.

A professora deu um passo em direção a ele. Era, pelo menos, um palmo e meio mais baixa do que ele, mas, com as crianças atrás dela, especadas a olhar para Egger das suas filas de cadeiras, parecia ameaçadora e nada disposta a ceder. Ele teve vontade de dizer mais umas coisas, mas, ao invés, limitou-se a baixar os olhos, mudo, para o linóleo. Subitamente, sentiu-se estúpido, ali parado: um velhote com queixas ridículas, uma pessoa para quem até as criancinhas ficavam especadas a olhar sem disfarçar o espanto.

– Não podemos escolher os nossos vizinhos – disse a professora –, mas uma coisa é certa: o senhor é um pateta malcriado! Entra-me pela sala dentro, a meio da aula, sem ninguém o ter convidado, com a barba por fazer, o cabelo por pentear e, como se isso não bastasse, vem de *collants*, ou seja lá o que isso for.

– Ceroulas – murmurou Egger, que já se arrependera amargamente de ter ido à escola. – Já foram remendadas umas quantas vezes.

Anna Holler suspirou.

– Vai sair imediatamente da minha sala de aulas – disse ela. – E, quando estiver de banho tomado, barba feita e vestido como deve ser, pode cá voltar, se quiser!

Egger não voltou. Aguentaria o barulho, ou enfiaria musgo nos ouvidos, se fosse preciso; para ele, o assunto estava encerrado. E, provavelmente, teria sido o fim da história, se, no domingo seguinte, não tivessem batido com força à sua porta três vezes. Anna Holler estava parada lá fora, com um bolo nas mãos.

– Pensei em trazer-lhe uma coisinha para comer – disse ela. – Onde é que tem uma mesa?

Egger ofereceu-lhe o seu único assento, um banco de ordenha que ele próprio fabricara, e pousou o bolo na sua velha arca, onde, instigado por um medo secreto de tempos difíceis, guardava umas quantas latas de comida – «A melhor carne de vaca com cebolada

da Haggemeyer» – e um par de sapatos quentes.

– Este tipo de bolo costuma ser muito seco – disse ele, e, quando partiu com o seu cântaro de barro rumo à fonte da praça da aldeia, pensou naquela mulher que estava, naquele preciso instante, sentada no seu quarto, à espera de cortar o bolo. Pensou que ela devia ter aproximadamente a sua idade, mas os muitos anos de ensino tinham deixado marcas visíveis. O rosto estava enfeitado com pequeninas rugas e debaixo do cabelo escuro, que ela usava apanhado num carrapito severo, brilhavam as raízes brancas como neve. Por um instante, uma imagem peculiar assolou-o: não só a viu sentada no seu banco, como teve a impressão de que a sua mera presença alterara o quarto onde ele vivera sozinho durante tantos anos, o alargara, o abrira, de uma maneira desagradável, por todos os lados.

– Então, é aqui que vive – disse a professora, quando ele regressou com o cântaro cheio de água.

– Sim – respondeu.

– Na verdade, uma pessoa pode ser feliz em qualquer parte – comentou ela. Tinha uns olhos castanho-escuros calorosos e afáveis, mas Egger sentiu-se desconfortável sob a observação dela. Olhou para a sua fatia de bolo, tirou uma passa com o indicador e deixou-a cair discretamente no chão. Depois, comeram e ele teve de admitir que o bolo estava bom. Aliás, pensou, provavelmente era a melhor coisa que tinha comido nos últimos anos; mas não o disse.

Mais tarde, Egger não seria capaz de explicar como tudo aconteceu. Da mesma maneira que Anna Holler lhe aparecera à porta como se nada fosse, com um bolo nas mãos, também entrou como se nada fosse na sua vida, na qual, em muito pouco tempo, reivindicou o espaço que claramente partia do princípio ser seu. Egger não entendia o que estava a acontecer; além disso, não queria ser mal-educado, por isso ia passear com ela ou sentava-se ao seu lado ao sol e bebia o café que ela lhe levava sempre num termo e que dizia ser mais negro do que a alma de Satanás. Anna Holler

estava constantemente a fazer comparações como aquela; aliás, falava praticamente sem parar, contando-lhe coisas acerca das suas aulas, das crianças, da vida, de um homem que há muito tivera o castigo que merecia e em quem ela nunca, nunca, nunca devia ter confiado. Às vezes, dizia frases que Egger não compreendia. Usava palavras que ele nunca tinha ouvido antes e ele pensava para consigo que ela as inventara quando se lhe tinham esgotado as palavras certas. Ele deixava-a falar. Ouvia-a, fazia que sim com a cabeça de vez em quando, pontualmente dizia sim ou não, e bebia o café, que lhe deixava o coração acelerado como se tivesse escalado a vertente norte do Kämmerer Alto.

Um dia, ela convenceu-o a apanhar a Liesl Azul até ao cume do Karleitner. Dali de cima, podiam contemplar toda a aldeia, disse ela; a escola parecia uma caixa de fósforos perdida e, se semicerrassem os olhos, conseguiam ver os pontinhos garridos das crianças à volta da fonte da aldeia.

Quando a cabina arrancou com um ligeiro abanão, Egger colocou-se a uma das janelas. Sentiu a professora aproximar-se, postar-se mesmo atrás de si e olhar por cima do seu ombro. Lembrou-se de que não lavava o seu casaco havia anos. Pelo menos, pendurara as calças na água límpida da nascente durante meia hora, na semana passada, e secara-as depois numa rocha ao sol.

– Está a ver aquela viga lá em baixo? – disse ele. – Quando estávamos a fazer as fundações, um trabalhador caiu lá para dentro. Tinha bebido de mais na véspera e ao meio-dia caiu para o lado. De cara no betão. Ficou ali parado, sem se mexer. Como um peixe morto num lago. Demorámos um bom bocado a tirá-lo de lá; o betão já não estava muito líquido. Mas ele safou-se. Só que ficou cego de um olho. Não sabemos muito bem se foi do betão ou da *Krauterer*.

Quando chegaram ao cume, ficaram na plataforma durante uns momentos, a contemplar o vale. Egger sentiu que devia fazer conversa com a professora, por isso apontou para várias coisas na

aldeia: os restos de um estábulo queimado, o complexo de casas de férias construído à pressa num campo de beterrabas, o enorme caldeirão, coberto de ferrugem e giesta roxa, que a infantaria de montanha tinha deixado atrás da capela, no fim da guerra, e que as crianças usavam desde então para brincar às escondidas. Anna Holler ria-se sempre que descobria uma coisa nova. Às vezes, o vento engolia-lhe o riso completamente, de maneira que parecia que ela estava só a sorrir silenciosamente para consigo mesma.

Quando voltaram para a estação do vale, ao final da tarde, ficaram lado a lado durante uns momentos, a ver a cabina subir novamente a montanha. Egger não sabia o que devia dizer, ou sequer se devia dizer alguma coisa, por isso manteve-se calado. O ronronar abafado dos motores ouvia-se, vindo da sala das máquinas, na cave do edifício. Egger sentiu os olhos da professora postos em si.

– Gostava que me levasse a casa, agora – disse ela, e afastou-se.

Anna Holler vivia num quartinho mesmo por trás da câmara municipal, que as autoridades lhe tinham cedido enquanto exercia o seu cargo na escola. Ela tinha preparado um prato com duas fatias de pão e molho de carne com cebola e, lá fora, no peitoril da janela, estavam duas cervejas frias. Egger comeu o pão e bebeu a cerveja, tentando não olhar para a professora enquanto o fazia.

– É mesmo um homem – disse ela. – Um homem a sério com um apetite a sério, não é?

– Não sei – respondeu ele, e encolheu os ombros.

Começava a escurecer lá fora. Ela levantou-se, deu uns passos no quarto e deteve-se diante de uma pequena cómoda. De trás, Egger viu-a baixar a cabeça como se tivesse perdido alguma coisa nas tábuas do soalho. Os dedos brincavam-lhe com a bainha da saia. Ainda tinha terra e pó colados aos saltos dos sapatos. O quarto estava terrivelmente silencioso. Era como se o silêncio que se retirara de todos os vales, havia muito tempo, se estivesse a reunir naquele preciso momento, ali mesmo, naquele quartinho. Egger

pigarreou. Pousou a garrafa e observou uma gota escorrer lentamente pelo copo e espalhar-se na toalha, numa mancha redonda e escura. Anna Holler ficou parada em frente da cómoda, imóvel, de olhos baixos. Levantou primeiro a cabeça e, depois, as mãos.

– As pessoas estão muitas vezes sozinhas no mundo – disse ela.

Depois, virou-se. Acendeu duas velas e pousou-as na mesa. Fechou as cortinas. Trancou a porta com o ferrolho.

– Venha – disse ela.

Egger continuava a olhar para a mancha escura na toalha da mesa.

– Só me deitei com uma mulher na vida – disse ele.

– Não tem mal – respondeu a professora. – Não me importo.

Mais tarde, Egger olhou para a mulher idosa deitada ao seu lado, a dormir. Depois de terem ido para a cama, ela pousara a mão no peito dele e, por baixo dela, o seu coração batera com tanta força que Egger pensara que o quarto todo se estava a mexer. Não funcionara. Ele não conseguira superar as suas inibições. Ficara deitado, imóvel, como que pregado no lugar, a sentir a mão tornar-se cada vez mais pesada no peito até finalmente se afundar entre as suas costelas e se instalar diretamente sobre o seu coração. Ele observou o corpo dela. Estava deitada de lado. A cabeça escorregara da almofada e o cabelo estava pousado em madeixas finas no lençol. Tinha o rosto meio virado de lado. Parecia exausto e emaciado. A luz noturna que se derramava dentro do quarto através de uma estreita fenda entre as cortinas parecia ter ficado presa em todas as rugas. Egger adormeceu e, quando voltou a acordar, a professora estava enroscada de lado e ele ouviu-lhe o choro suave, abafado pela almofada. Durante uns momentos, ficou deitado ao lado dela, indeciso, mas depois percebeu que não havia nada no mundo que pudesse fazer. Levantou-se silenciosamente e foi-se embora.

Nesse mesmo ano, chegou à aldeia um novo professor, um rapaz

com um rosto pueril e cabelo pelos ombros, apanhado num pequeno rabo de cavalo, que passava os serões a tricotar camisolas de lã e a talhar crucifixos retorcidos a partir de raízes. O sossego e a disciplina de antigamente nunca regressaram à escola e Egger habituou-se à algazarra por trás da parede do seu quarto. Viu a professora Anna Holler só mais uma vez. Ia a atravessar a praça da aldeia com um cesto das compras. Caminhava devagar, com passinhos invulgarmente curtos; levava a cabeça baixa e parecia completamente absorta em pensamentos. Quando viu Egger, ergueu a mão e acenou-lhe com os dedos como faria a uma criança pequena. Egger baixou rapidamente os olhos para o chão. Posteriormente, arrependeu-se desse seu momento de cobardia.

Anna Holler abandonou a aldeia tão discretamente e sem dar nas vistas como chegara. Numa fria manhã, antes de nascer o Sol, entrou no autocarro do correio, com duas malas, sentou-se no banco do fundo, fechou os olhos e, segundo contou o motorista mais tarde, não os abriu uma única vez durante a viagem toda.

Nesse outono, a neve chegou cedo. Poucas semanas depois da partida de Anna Holler, já os esquiadores formavam longas filas à porta das estações do vale, e o clique metálico dos fixadores de esqui e o ranger das botas ouviam-se pela aldeia toda até anoitecer. Num dia frio, límpido e soalheiro, pouco antes do Natal, quando Egger voltava para casa, depois de ter levado uns idosos a fazer uma caminhada na neve, viu um grupo de turistas excitados, seguidos por uns quantos habitantes da região, o polícia da aldeia e uma horda de crianças aos gritos, a caminharem na sua direção, do outro lado da rua. Dois jovens de fatos de esqui tinham transformado os esquis numa espécie de maca e, nela, jazia algo que claramente só podia ser transportado com o máximo de cuidado. Os homens estavam a lidar com esse algo com uma curiosa reverência que lembrou a Egger o zelo dos acólitos em redor do altar durante a missa dominical. Atravessou a rua para ver mais de perto o que se

passava e o que viu cortou-lhe a respiração. Na maca improvisada encontrava-se Hannes Cornudo.

Por um instante, Egger pensou que tinha enlouquecido, mas não havia dúvidas: diante de si, jazia o pastor de cabras, ou o que sobrava dele. O seu corpo estava congelado. Pelo que Egger conseguiu ver, parecia faltar-lhe uma perna, enquanto a outra estava espetada para fora da maca, grotescamente deslocada. Os braços envolviam o peito com força; pedaços secos de carne pendiam-lhe das mãos e os ossos dos dedos, expostos quase por completo, estavam tortos como as garras de um pássaro. Tinha a cabeça virada para trás, como se alguém a tivesse puxado violentamente. O gelo arrancara-lhe metade do rosto do osso. Os dentes, nas gengivas negras-azuladas, estavam expostos e ele parecia sorrir. Embora lhe faltassem as duas pálpebras, os olhos estavam completamente intactos e fitavam, arregalados, o céu.

Egger desviou o rosto, deu uns quantos passos e deteve-se novamente. Estava enjoado e sentia um negro zumbido nos ouvidos. Queria dizer qualquer coisa aos homens... mas o quê? Os pensamentos dançavam-lhe na cabeça. Não conseguiu formular nenhum deles e, quando se virou de novo, já eles tinham avançado demasiado. Iam ao fundo da rua, dirigindo-se para a capela com o seu fardo congelado. De um lado, caminhava o polícia. Do outro, a perna do pastor erguia-se no ar como uma raiz murcha.

Um par de esquiadores de fundo aventureiros tinham encontrado Hannes Cornudo fora das pistas, numa fenda no alto do glaciar Ferneis. Demoraram horas a libertá-lo do gelo eterno. A fenda era tão estreita que, no geral, mantivera pássaros e outros animais à distância, e o gelo conservara-lhe o corpo ao longo das décadas. Só lhe faltava a perna. Os homens inventaram teorias: talvez um animal a tivesse arrancado antes de ele escorregar para dentro da fenda; talvez uma rocha a tivesse amputado; talvez ele próprio a tivesse cortado num ato de desespero, para se tentar soltar. O mistério ficou sem resposta: a perna desaparecera e o coto não

revelou nada. Era só um coto, coberto por uma delicada camada de gelo, ligeiramente esfiapado nas pontas e negro-azulado no meio como as gengivas do pastor de cabras.

O morto foi levado para a capela, para que todos os que desejassem despedir-se dele o pudessem fazer. Mas não apareceu ninguém, a não ser uns quantos turistas que queriam ver com os seus próprios olhos o misterioso cadáver de gelo à luz de velas e, se possível, fotografá-lo de todos os ângulos. Ninguém conhecia Hannes Cornudo, ninguém se lembrava dele e, como a meteorologia previa uma subida da temperatura, ele foi enterrado no dia seguinte.

Egger ficou profundamente chocado com esse encontro inesperado. Passara quase uma vida inteira entre o desaparecimento de Hannes Cornudo e o seu reaparecimento. Mentalmente, viu a figura translúcida a afastar-se a grandes saltos e a desaparecer no silêncio branco do nevão. Como é que ele chegara ao glaciário, a tantos quilómetros de distância? O que fora ele lá procurar? E que lhe acontecera no fim? Egger estremeceu ao pensar que provavelmente a perna ainda estava presa algures no glaciário. Talvez daí a uns anos também fosse encontrada e transportada vale abaixo como um bizarro troféu aos ombros de esquiadores excitados. Hannes Cornudo presumivelmente não se importava com nada disso. Agora, jazia na terra e não no gelo: fosse como fosse, estava em paz. Egger lembrou-se dos inúmeros mortos que vira, enquanto estivera na Rússia. Os esgares dos cadáveres do gelo russo eram a coisa mais pavorosa que já vira na vida. Hannes Cornudo, por comparação, parecia estranhamente feliz. Na sua derradeira hora, rira-se para o Céu, pensou Egger, e espetara a perna contra o pescoço do Diabo como represália. A ideia agradou-lhe: tinha qualquer coisa de reconfortante.

Havia, porém, outro pensamento que o preocupava. O pastor de cabras gelado olhara para si como que através de uma janela no tempo. Havia algo quase juvenil na expressão do seu rosto, virado

para o Céu. Na época em que Egger o encontrara na sua cabana, mortalmente ferido, e o transportara vale abaixo, na estrutura de madeira, devia ter cerca de quarenta ou cinquenta anos. Egger já tinha passado há muito dos setenta e a idade pesava-lhe. A vida e o trabalho na montanha tinham deixado as suas marcas. Tudo nele estava vergado e torto. As costas pareciam descer para a terra numa curva apertada e ele tinha cada vez mais a sensação de que a espinha lhe estava a crescer acima da cabeça. Na montanha, o seu andar ainda era firme, e nem sequer os fortes ventos outonais o desequilibravam, mas erguia-se como uma árvore que já se encontrava podre por dentro.

*

Nos seus últimos anos, Egger não aceitou mais ofertas de trabalho, que, de qualquer maneira, se tinham tornado cada vez menos frequentes. Sentia que, na vida, já labutara o suficiente; além disso, achava a conversa dos turistas e as suas oscilações de humor, que mudavam constantemente como o clima da montanha, cada vez mais difíceis de tolerar. Uma vez, quase deu uns tabefes num jovem urbano, que se empoleirou numa rocha e, avassalado pela alegria, fechou os olhos e se pôs a rodopiar e a rodopiar até cair a pique num terreno de cascalho e ter de ser transportado até ao vale por Egger e o resto do grupo, a soluçar como uma criança. Depois disso, Egger pôs fim à sua carreira de guia de montanha e retirou-se da vida pública.

A população da aldeia tinha triplicado desde a guerra e o número de camas disponíveis decuplicara, o que levou a câmara municipal a avançar não só com a construção de uma estância de férias com piscina interior e jardim, mas também com a ampliação da escola, há muito necessária. Egger abandonou o seu quarto antes mesmo de os pedreiros chegarem. Arrumou os seus quantos pertences e mudou-se para um estábulo, a várias centenas de metros

acima do fim da aldeia, abandonado décadas antes. O estábulo tinha sido construído na vertente como uma gruta, com a vantagem de a temperatura não estar sujeita a muitas oscilações ao longo do ano. A fachada era de pedregulhos empilhados e gastos pelo tempo. Egger preencheu os buracos entre eles com musgo e, depois, com cimento. Selou as brechas da porta, pintou a madeira com alcatrão de pinho e raspou a ferrugem das dobradiças. Depois, partiu duas pedras da parede e substituiu-as por uma janela e um cano para o fuliginoso fogão preto que encontrara numa pilha de sucata, atrás da estação do vale do teleférico de Bubenkogel. Sentia-se confortável na sua nova casa. Às vezes, era um pouco solitário, mas não via a sua solidão como um defeito. Não tinha ninguém, mas tinha tudo aquilo de que precisava e isso era suficiente. A vista da janela era boa, o fogão, quente e, assim que o estábulo fosse aquecido de uma ponta à outra, no primeiro inverno, se não mesmo antes, o cheiro pungente a cabras e a gado desapareceria completamente. Acima de tudo, Egger apreciava o sossego. Só lhe chegava um ligeiríssimo vestígio do barulho que, por essa altura, enchia todo o vale e, ao fim de semana, embatia nas encostas como ondas. Às vezes, nas noites de verão, quando as nuvens pendiam, pesadas, sobre os cumes e o ar cheirava a chuva, Egger deitava-se no colchão e escutava os sons de animais a escavarem a terra por cima da sua cabeça; e, nos serões de inverno, ouvia o zumbido distante dos limpa-neves a prepararem as pistas para o dia seguinte. Dava por si amiúde a pensar em Marie. No que tinha sido e no que poderia ter sido. Mas eram apenas pensamentos breves, fugazes, que deslizavam velozes como os farrapos de nuvens de tempestade do lado de fora da sua janela.

Como não tinha ninguém com quem falar, falava sozinho, ou com as coisas que o rodeavam. Dizia: «És inútil. És demasiado romba. Vou afiar-te numa pedra. E depois vou ao vale comprar papel de lixa e afiar-te outra vez. E vou enrolar uma tira de couro no teu punho. Vais caber lindamente na minha mão. E ficarás

bonita, embora não seja esse o objetivo, entendes?»

Ou, então, dizia: «Este tempo deixa-te infeliz. Nada, a não ser nevoeiro. O teu olhar escorrega porque não sabe a que se agarrar. Se continuar assim, daqui a nada o nevoeiro entra-me no quarto e vai começar a chuveirar em cima da mesa.»

E dizia: «A primavera está quase a chegar. Os pássaros já se aperceberam disso. Há qualquer coisa a estremecer nos ossos e os bolbos já se estão a dividir debaixo da neve.»

Às vezes, Egger ria-se de si próprio e dos seus pensamentos. Sentava-se sozinho à mesa, olhava pela janela para as montanhas, com as sombras de nuvens a passar silenciosamente por elas, e ria-se até os olhos se lhe encherem de lágrimas.

Uma vez por semana, descia à aldeia para comprar fósforos e tinta, ou pão, cebola e manteiga. Já se apercebera havia muito de que as pessoas faziam conjeturas sobre ele. Quando se preparava para regressar a casa com as suas compras, num trenó caseiro que, na primavera, ele melhorava com umas rodinhas de borracha, via-as pelo canto do olho a unirem as cabeças e a começarem a segredar nas suas costas. Então, virava-se e lançava-lhes o olhar mais negro de que era capaz. Contudo, na realidade, não se importava por aí além com as opiniões dos habitantes da aldeia, nem com o seu ar escandalizado. Para eles, Egger era só mais um velho que vivia numa caverna, falava sozinho e, todas as manhãs, se agachava num regato de montanha gelado para se lavar. A seu ver, fizera a coisa certa e, por conseguinte, tinha todos os motivos para se sentir satisfeito. Conseguiria viver bem, durante bastante tempo, com o dinheiro do seu antigo trabalho de guia; tinha um teto para se abrigar, uma cama para dormir e, quando se sentava no seu banquinho do lado de fora da porta, podia deixar o seu olhar vaguear até as pálpebras se lhe fecharem e o queixo descer para o peito. Na vida, também ele, como toda a gente, acalentara ideias e sonhos. Alguns, concretizara por si só; outros tinham-lhe sido concedidos. Muitas coisas haviam permanecido fora do seu alcance,

ou, então, mal as alcançara, foram-lhe arrancadas novamente das mãos. Mas ainda ali estava. E, de manhã, depois do primeiro degelo, quando atravessava o prado encharcado em orvalho diante da sua gruta e se deitava numa das rochas achatadas que ali havia dispersas, com a pedra fria nas costas e os primeiros raios de sol no rosto, sentia que, afinal, muitas coisas não tinham corrido assim tão mal.

Foi nessa altura do ano, após o degelo, em que ao raiar do dia a terra fumegava e os animais saíam das suas tocas e grutas, que Andreas Egger conheceu a Dama Fria. Dera voltas e reviravoltas no colchão durante horas, incapaz de adormecer. Depois, ficou deitado, muito quieto, com os braços cruzados sobre o peito, a ouvir os sons da noite: o vento irrequieto, rondando a caverna e batendo na janela com pancadas abafadas. Subitamente, fez-se silêncio. Egger acendeu uma vela e fixou as sombras bruxuleantes no teto. Apagou novamente a vela. Durante uns momentos, ficou deitado sem se mexer. Por fim, levantou-se e foi lá fora. O mundo estava imerso num nevoeiro impenetrável. Ainda era de noite, mas, algures por detrás daquele silêncio suave, raiava o dia e o ar tremeluzia como leite na escuridão. Egger deu uns passos, encosta acima. Mal conseguia ver os contornos da sua mão diante dos olhos e, quando a esticou à sua frente, parecia que estava a mergulhá-la num espelho de água, profundo e insondável. Continuou a subir, cuidadosamente, passo a passo, umas centenas de metros pela vertente acima. Ao longe, ouviu uma nota, como o assobio prolongado de uma marmota. Deteve-se e levantou a cabeça. A Lua estava suspensa numa brecha no nevoeiro, branca e despida. De repente, Egger sentiu uma lufada de ar no rosto e, no instante seguinte, o vento regressou. Vinha em rajadas solitárias, desfazendo o nevoeiro, destroçando-o e correndo com ele. Egger ouvia o vento a uivar, enquanto varria as rochas mais alto na montanha, e a sussurrar na erva aos seus pés. Caminhou por entre faixas de

nevoeiro que se dispersavam diante de si como criaturas vivas. Viu o céu abrir-se. Viu rochas achatadas com restos de neve, como se alguém as tivesse coberto com toalhas de mesa brancas. E, a seguir, viu a Dama Fria, a atravessar a encosta a cerca de trinta metros acima dele. A sua forma era completamente branca e, a princípio, ele confundiu-a com um fiapo de nevoeiro, mas, passado um instante, reconheceu claramente os braços pálidos, o xaile puído que lhe pendia dos ombros, e o cabelo como uma sombra acima da brancura do corpo. Um arrepio percorreu-lhe a espinha de alto a baixo. Subitamente, sentiu frio. Mas não era o ar que estava frio; o frio vinha de dentro. Instalou-se-lhe no fundo do coração e a sensação foi de terror. A figura dirigia-se para uma estreita formação rochosa e, embora avançasse rapidamente, Egger não a conseguia ver dar passos; era como se um mecanismo escondido na rocha a puxasse. Não se atreveu a mexer-se. O terror pesava-lhe no coração e, no entanto, ao mesmo tempo, tinha estranhamente medo de afugentar a figura, se fizesse barulho ou um movimento brusco. Viu o vento levantar-lhe o cabelo, expondo, por um breve instante, a nuca. E foi então que percebeu.

– Vira-te – disse. – Por favor, vira-te e olha para mim! – Mas a figura continuou a afastar-se e Egger só lhe via a nuca e a foice avermelhada da cicatriz a reluzir. – Onde é que te meteste tanto tempo? – gritou. – Tenho tantas coisas para te contar. Nem vais acreditar, Marie! Uma vida inteira, tão longa! – Ela não se virou. Não respondeu. A única coisa que ele ouvia era o barulho do vento, a uivar e a suspirar enquanto varria o solo, levando consigo o resto de neve do ano.

Egger ficou parado, sozinho, na montanha. Ficou parado durante muito tempo, sem se mexer, enquanto as sombras da noite recuavam lentamente à sua volta. Quando finalmente se moveu, o sol cintilava por trás das cordilheiras distantes e derramava a sua luz sobre os cumes das montanhas, tão suave e bela que, se ele não estivesse tão cansado e confuso, se teria rido de pura felicidade.

Nas semanas que se seguiram, Egger vagueou vezes sem conta pelas encostas rochosas acima da sua caverna, mas a Dama Fria, ou Marie, ou fosse quem fosse a aparição, nunca mais voltou a revelar-se-lhe. Aos poucos, a sua imagem começou a esbater-se até se dissolver completamente. Egger estava, de qualquer maneira, a ficar esquecido. Às vezes, levantava-se de manhã e passava uma hora à procura dos sapatos que pendurara no cano do fogão, na véspera, para secarem. Ou, pensando no que tinha planeado cozinhar para o jantar, mergulhava numa espécie de sonho introspetivo tão esgotante que, amiúde, adormecia sentado à mesa, com a cabeça apoiada nas duas mãos, sem ter comido nada. Às vezes, antes de ir para a cama, punha o banco ao lado da janela, olhava lá para fora e esperava que, com a noite como pano de fundo, determinadas recordações viessem à superfície e dessem pelo menos um pouco de ordem à sua mente confusa. Com frequência cada vez maior, porém, a sequência dos acontecimentos escapava-se-lhe, as coisas caíam para cima umas das outras e, assim que uma imagem parecia materializar-se mentalmente, afastava-se de novo ou evaporava-se como óleo lubrificante em ferro quente.

Algumas pessoas na aldeia pensavam que o velho Egger era completamente louco, sobretudo desde que uns esquiadores o tinham visto sair da sua cabana totalmente nu, numa manhã gelada de inverno, e pisar a neve descalço, à procura de uma garrafa de cerveja que tinha deixado a arrefecer na noite anterior. Ele não se importava com isso. Estava ciente da sua crescente confusão, mas não era louco. Além disso, já mal se preocupava com o que as pessoas pensavam de si e, como a garrafa apareceu realmente após uma breve busca (mesmo ao lado do esgoto; rebentara durante a noite com o gelo e ele pôde chupar a cerveja como se fosse um chupa-chupa), concluiu com íntima satisfação que, pelo menos naquele dia específico, o seu raciocínio e comportamento tinham sido justificados.

Segundo a sua certidão de nascimento, que na sua opinião não valia sequer a tinta do carimbo, Egger viveu até aos setenta e nove anos. Aguentara mais tempo do que ele próprio julgara possível e, em geral, podia dar-se por satisfeito. Sobrevivera à sua infância, a uma guerra e a uma avalanche. Aceitara todo o tipo de trabalhos sem achar que fossem indignos de si, abrira uma quantidade incalculável de buracos na rocha e provavelmente derrubara árvores suficientes para aquecer os fogões de uma povoação inteira durante um inverno inteiro. Vezes sem conta, pendurara a sua vida num fio entre o céu e a terra e, nos seus últimos anos enquanto guia turístico, aprendera mais acerca das pessoas do que era capaz de compreender na íntegra. Tanto quanto soubesse, não se sobrecarregara com nenhuma culpa apreciável e nunca sucumbira às tentações do mundo: ao álcool, às prostitutas e à gula. Construíra uma casa, dormira em inúmeras camas, estábulos, na traseira de camiões e inclusive num gradeado de madeira russo, durante um par de noites. Amara. E ficara com uma ideia de onde o amor podia levar. Vira dois homens andar na Lua. Nunca se sentira instado a acreditar em Deus e não tinha medo da morte. Não se lembrava de onde vinha e, em última instância, não sabia para onde iria. Conseguia, no entanto, olhar para o período entre passado e futuro, isto é, para a sua vida, sem se arrepender de nada, com uma sonora gargalhada e um pasmo profundo.

Andreas Egger morreu numa noite de fevereiro. Não algures ao ar livre, como imaginara tantas vezes, com o sol na nuca ou o céu estrelado por cima da sua testa, mas em casa, na sua cabana, à mesa. As velas tinham-se apagado e ele estava sentado à luz ténue da Lua, suspensa no quadradinho da janela como uma lâmpada esmorecida pelo pó e por teias de aranha. Estava a pensar nas coisas que tencionava fazer nos dias seguintes: comprar umas velas, vedar a brecha da moldura da janela por onde entravam correntes de ar, abrir uma vala em frente da cabana, que lhe desse pelos joelhos e tivesse pelo menos trinta centímetros de largura, para desviar a

água do degelo. Podia dizer com alguma certeza que o tempo colaboraria consigo. Quando a sua perna lhe dava alguma paz à noite, geralmente o tempo também se mantinha calmo no dia seguinte. Foi inundado por uma sensação de calor ao pensar na perna, naquele pedaço de madeira podre que o carregara pelo mundo fora durante tantos anos. Ao mesmo tempo, já não sabia se ainda estava a pensar nisso ou se já estaria a sonhar. Ouviu um som, muito perto do seu ouvido: um sussurro suave, como se alguém estivesse a falar com uma criancinha.

– Sim, acho que já é tarde – disse, sem pensar, e foi como se as suas próprias palavras pairassem no ar diante de si durante uns momentos, antes de rebentarem na luz da Lua na janela. Sentiu uma dor viva no peito e viu o seu corpo cair lentamente para a frente e a cabeça aterrar com a face no tampo. Ouviu o seu próprio coração. E escutou o silêncio quando ele parou de bater. Pacientemente, esperou pela próxima batida cardíaca. E, na ausência dela, deixou-se ir e morreu.

Três dias depois, o carteiro encontrou-o quando bateu à janela para lhe entregar o boletim informativo da paróquia. O corpo de Egger estava bem conservado devido às temperaturas inverniais e parecia que ele adormecera enquanto tomava o pequeno-almoço. O funeral realizou-se no dia seguinte. A cerimónia foi breve. O padre ficou enregelado enquanto os coveiros pousavam o caixão no fundo do buraco que tinham aberto no solo gelado com uma pequena escavadora.

Andreas Egger jaz ao lado da sua mulher, Marie. A campa está assinalada por uma pedra calcária toscamente talhada e raiada de rachas e, no verão, cobre-se de linária roxa.

Pouco menos de seis meses antes de morrer, Egger acordara um dia com um desassossego interior que o fez sair da cama e de casa assim que abriu os olhos. Era início de setembro e, nos pontos onde os raios de sol perfuravam o manto de nuvens, ele via o brilho e o

lampejo dos automóveis das pessoas que, por algum motivo, não conseguiam ganhar a vida no turismo e, por conseguinte, avançavam ao longo da estrada, todos os dias, para chegarem a horas aos seus locais de trabalho para lá do vale. Egger gostava do aspeto daquele fio colorido de carros a serpentear ao longo do curto troço de estrada até que, por fim, os seus contornos se esbatiam e desapareciam na luz brumosa. Ao mesmo tempo, a imagem deixou-o triste. Pensou que, excetuando as viagens aos teleféricos de cabinas e de cadeiras da Bittermann & Filhos, só saíra da zona numa única ocasião: quando fora para a guerra. Pensou que, por aquela mesma estrada, que na época não passava de um trilho com sulcos fundos a atravessar os campos, chegara ao vale pela primeira vez numa carroça puxada por cavalos. E, nesse momento, foi assolado por um anseio tão fulminante e profundo, que achou que o seu coração ia derreter. Sem olhar para trás, levantou-se e correu. Coxeando, tropeçando, precipitou-se para a aldeia a toda a velocidade, onde a camioneta amarela número 5 – a chamada Linha dos Sete Vales – estava à espera na paragem à porta do grandioso Post Hotel, com o motor a trabalhar, pronta para partir.

– Para onde vai? – perguntou o condutor, sem levantar os olhos. Egger conhecia-o, trabalhara durante uns anos a adaptar fixadores de esqui na oficina gerida pelo antigo ferreiro, até que a artrite lhe deformou as articulações e ele arranjou emprego na rodoviária. O volante parecia um pneu de brincar nas mãos dele.

– Para a última paragem! – disse Egger. – Até ao fim da linha.

Comprou um bilhete e sentou-se num lugar vazio, ao fundo, entre os aldeões cansados – alguns dos quais ele conhecia de vista – que ou não dispunham de dinheiro para ter um automóvel próprio, ou já eram demasiado velhos para dominar a sua velocidade e técnica. O coração batia-lhe loucamente, quando as portas se fecharam e a camioneta arrancou. Afundou-se na cadeira e fechou os olhos. Durante uns momentos, manteve-se assim e, quando se endireitou e reabriu os olhos, a aldeia desaparecera e Egger viu as

coisas passarem ao longo da estrada. Pensões que tinham brotado do nada nos campos. Estações de serviço. Sinais de bombas de gasolina. Painéis publicitários. Uma estalagem com roupa de cama dependurada de todas as suas janelas abertas. Uma mulher parada junto de uma vedação, de mão na anca, o rosto desfocado pelo fumo de tabaco. Egger tentou pensar, mas a torrente de imagens cansou-o. Antes de adormecer, fez um esforço para se lembrar do anseio que o fizera fugir do vale, mas não existia nada. Por um instante, achou que ainda conseguia sentir um ligeiro ardume em redor do coração, mas era imaginação sua e, quando voltou a acordar, já não se lembrava do que queria, nem do porquê de estar sentado naquela camioneta.

Desceu na última paragem. Deu uns passos numa extensão de betão com ervas daninhas e, depois, deteve-se. Não sabia que direção tomar. A praça onde se encontrava, os bancos, o edifício baixo da estação, as casas atrás de si não significavam nada. Deu mais um passo vacilante e parou novamente. Tremia. Partira tão à pressa, que se esquecera de vestir um casaco. Não se lembrara de levar um chapéu e não trancara a cabana. Largara simplesmente a correr e agora arrependia-se de o ter feito. Algures, ao longe, ouviu o rebuliço de vozes, alguém a chamar uma criança, depois a porta de um carro a bater, um motor a arrancar ruidosamente e a esmorecer rapidamente a seguir. Egger tremia tanto que gostaria de se poder agarrar a qualquer coisa. Cravou os olhos no chão, sem se atrever a mexer-se. Mentalmente, viu-se ali parado, um velho, inútil e perdido, a meio de uma praça vazia, e teve vergonha como nunca na vida. Nesse momento, sentiu uma mão no ombro e, quando se virou lentamente, o motorista da camioneta estava diante de si.

– Para onde é que quer ir, ao certo? – perguntou o indivíduo.

O velho Egger ficou imóvel, procurando desesperadamente a resposta.

– Não sei – disse e, lentamente, abanou a cabeça, uma e outra vez. – Pura e simplesmente não sei.

Na viagem de regresso, Egger sentou-se no mesmo lugar que escolhera quando partira do vale. O motorista ajudara-o a subir para a camioneta e acompanhara-o até ao fundo sem lhe pedir o dinheiro do bilhete, aliás, sem dizer nada. Embora desta vez Egger não tenha adormecido, a viagem pareceu-lhe mais curta. Sentia-se melhor, agora; o coração abrandou e, quando a camioneta mergulhou na sombra azul das montanhas pela primeira vez, os tremores também pararam. Olhou pela janela, sem saber muito bem o que pensar ou sentir. Passara tanto tempo desde a última vez que se ausentara, que se esquecera de qual era a sensação de regressar a casa.

Quando chegaram à paragem da aldeia, despediu-se do motorista com um aceno de cabeça. Queria chegar a casa o mais depressa possível, mas, quando deixou as últimas moradias para trás e tudo o que se estendia diante de si era a subida tipo escadaria até à sua cabana, sucumbiu a um impulso súbito e virou à esquerda para um carreiro íngreme e pouco usado que dava a volta a um lago verde-musgo, sem nome, e depois serpeava o caminho todo até ao Glöcknerspitze. Durante uns momentos, seguiu o carreiro ao longo de uma fileira de vedações de arame que a câmara municipal tinha erguido para proteger a aldeia das avalanchas; em seguida, percorreu uma fenda estreita, firmada com barras de ferro cravadas na rocha e, por fim, atravessou o prado Karwiesen no seu recôncavo sombrio. A erva estava húmida e cintilante, e a terra emanava um cheiro a decomposição. Egger avançou depressa; caminhar era-lhe natural, já se esquecera do cansaço e mal sentia o frio. Tinha a sensação de que, a cada passo, deixava para trás uma parte da solidão e desespero que se apoderara de si naquela praça desconhecida. Ouviu o sangue afluír-lhe aos ouvidos e sentiu o vento frio, que lhe secou o suor da testa. Chegara ao ponto mais baixo do recôncavo, quando viu um movimento quase impercetível no ar. Uma coisinha branca, a dançar mesmo à frente dos seus olhos. Um segundo depois, outra. No instante seguinte, o ar estava

pejado de farrapinhos de nuvens, a flutuarem lentamente até pousarem no chão. A princípio, Egger pensou que fossem flores que o vento soprara de outras paragens, mas era setembro e já nada florescia naquela época do ano, muito menos àquela altitude. E, então, percebeu que estava a nevar. A neve caía do céu, cada vez mais densa, pousando nas rochas e nos luxuriantes prados verdes. Egger continuou a andar. Prestou atenção aos seus passos, com cuidado para não escorregar e, de tantos em tantos metros, limpava os fios das pestanas e das sobrancelhas com as costas da mão. Ao fazê-lo, veio-lhe à mente uma recordação, uma memória fugaz de algo que ocorrera havia muito tempo e que pouco mais era do que uma imagem desfocada.

– Ainda não – disse ele, baixinho; e o inverno instalou-se no vale.